

ALIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS MAIO DE 1989



A LIAHONA

MAIO de 1989, Volume 42 nº 5
PBMA8905PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton,
L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust,
Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks,
M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook,
William R. Bradford, George P. Lee, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente: Ann Laemmlen

Seção Infantil: DeAnne Walker

Layout e Desenhos: M. Masato Kawasaki, Sharri Cook

Produção: Sydney N. McDonald, Reginald J. Christensen,
Timothy Sheppard, Jane Ann Kemp, Steven Dayton

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erholato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Carlo Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob n.º 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: NCz\$ 3,00; para Portugal—Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93—1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: NCz\$ 0,25.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA—© 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda.—Rua Rocha, 288—Fone: 289-7279—Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda.—Rua Capistrano de Abreu, 210—Fone: 418-4071—Jordãoópolis—S.B.C.—SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430—Telefone (011) 814-2277.

Published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A Liahona at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

Capa—"O Batismo de Jesus", de Harry Anderson, © A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Nosso Salvador foi batizado por João, o mesmo que apareceu a Joseph Smith e Oliver Cowdery em maio de 1829 e restaurou o sacerdócio desta ordenança de Salvação.

ÍNDICE

2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:

"A VÓS MEUS CONSERVOS" Presidente Gordon B. Hinckley

7 NO TEMPO DO SENHOR C. Eric Ott

10 PERGUNTAS E RESPOSTAS:

Crenças Abomináveis Hoyt W. Brewster Jr

13 MANUAL DAS FAMÍLIAS:

Ensinar aos Filhos o Livre-Arbitrio e Como Efetuar Escolhas

17 SEU JEITO HAVAIANO DE AMAR JoAnn Jolley

23 PERFIL DE UM CONVERSO: Martha Poston

25 A CONFIANÇA EM SEU CASAMENTO Christie H. Frandsen

31 EM SEUS MOMENTOS DE CRISE A. LaVar Thornock

35 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:

"APASCENTA AS MINHAS OVELHAS"

SÓ PARA OS JOVENS

37 SEREI MINISTRO Robin K. Beggs

40 O MOLDE Élder J. Thomas Fyans

42 É SUPERSÁBADO NO RIO Teri Jenks

46 UM CÍRCULO DE LUZ Marilyn Brown

SEÇÃO INFANTIL

2 A CAMISA BRANCA DE MOLISI Paul J. Hunt

5 A VERDADEIRA IGREJA DE JESUS CRISTO

Histórias de D&C

6 TEMPO DE COMPARTILHAR:

Ser um Líder Justo Pat Graham

8 SÓ PARA DIVERTIR:

O CAVALO DO FUNDO DO MAR

Peggie Giesel





MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

A VÓS, MEUS CONSERVOS

Presidente Gordon B. Hinckley Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência



Certo dia eu estava às margens do rio Susquehanna, na área que é conhecida como Harmony, Pennsylvania. Andei por entre as árvores e depois até a beira da água. Pensei no que lá ocorrera no dia 15 de maio de 1829, e meditei sobre a maravilha e assombro do acontecimento.

Pensei no jovem Joseph Smith, então com vinte e três anos. Ele se casara com Emma Hale, e eles haviam voltado para Harmony, onde moravam os pais dela. Oliver Cowdery, o professor da escola, fora visitar Joseph e oferecera seus serviços como escriba no trabalho de tradução do Livro de Mórmon — Joseph ditando enquanto Oliver escrevia.

A área é bonita no mês de maio. Há folhas novas de primavera nas árvores e restam ainda algumas flores. O rio sobe quando a neve derrete.

No decorrer da tradução do documento antigo, os dois jovens depararam-se com a menção ao batismo para remissão dos pecados. Sem dúvida conversaram e pensaram sobre isso. Sem dúvida, havia perguntas em sua mente a respeito de quem possuía autoridade para batizar, e de como isso deveria ser feito. Sem respostas certas para suas perguntas, um poderia muito bem ter dito ao outro: “Vamos perguntar ao Senhor.”

Saindo de casa, afastando-se do quintal e dos campos vizinhos, dirigiram-se a um bosque, onde poderiam ter privacidade para orar.

Enquanto estavam orando, segundo Oliver, a voz do Redentor foi ouvida. Devem ter ficado surpresos e

abriram os olhos. Viram um anjo descer em uma nuvem de luz. O anjo falou com eles.

Ele disse que seu nome era João, o mesmo que é chamado de João Batista no Novo Testamento, e que agia sob a direção de Pedro, Tiago e João, que detinham as chaves do Sacerdócio de Melquisedeque.

Ele colocou as mãos sobre a cabeça dos dois jovens e os ordenou, dizendo:

“A vós, meus conservos, em nome do Messias, eu confiro o Sacerdócio de Aarão, que possui as chaves da ministração dos anjos, do evangelho do arrependimento e do batismo por imersão para remissão dos pecados; e isto nunca mais será tirado da terra, até que os filhos de Levi ofereçam outra vez, em retidão, um sacrifício ao Senhor.” (D&C 13.)

Ele disse que o Sacerdócio Aarônico não tinha o poder de impor as mãos para o dom do Espírito Santo, e afirmou que essa autoridade lhes seria conferida posteriormente. Instruiu-os, então, a serem batizados e disse a Joseph que ele deveria primeiro batizar Oliver, e que Oliver em seguida, deveria batizar Joseph.

Eles caminharam até a beira da água. Quase posso vê-los — esses dois jovens muito honestos, seguindo as instruções dadas por um ser ressuscitado. Joseph batizou Oliver primeiro, imergindo-o nas águas do rio. Oliver depois batizou Joseph, da mesma forma, após o que Joseph impôs as mãos sobre a cabeça de Oliver e ordenou-o ao Sacerdócio Aarônico, como João havia feito um pouco antes; em seguida Oliver fez o mesmo com Joseph.

Suponho que essas segundas ordenações não eram necessárias, mas foram feitas para ressaltar uma lição. Eles já haviam recebido a autoridade de João. Mas foi-lhes ensinado que o sacerdócio só deve ser recebido depois do batismo, e a maneira como ele deve

ser conferido foi então estabelecida.

As palavras usadas por João para conferir o sacerdócio foram poucas. Suponho que muitos de nós que conferimos o sacerdócio a outros, usamos muitas palavras mais. No entanto, João disse tudo o que era essencial, ao mesmo tempo que também estabeleceu um padrão para o que é essencial.

A autoridade que João lhes conferiu foi a mesma que ele, João, possuía, quando, na Palestina, ficou conhecido como o Batista, o homem a quem Jesus se dirigiu para ser batizado nas águas do rio Jordão.

João não era uma pessoa comum. Jesus disse a respeito dele: "Não há maior profeta do que João Batista." (Lucas 7:28.)

É significativo para mim o fato de João haver colocado as mãos sobre a cabeça de Joseph e Oliver. Esse é o primeiro registro que temos, na história da restauração do evangelho, do uso desse procedimento. Para mim é significativo que ele, um ser ressuscitado, fisicamente tenha colocado as mãos sobre a cabeça dos jovens que deveriam receber esse dom. Há um processo físico na atribuição da autoridade divina. É como se a autoridade, quando as palavras apropriadas são usadas, fosse transmitida daquele que a possui, para aquele que a recebe, passando das mãos de um para a cabeça do outro.

João disse, na ocasião: "A vós, meus conservos." É significativo para mim que ele não tenha dito: "A vós, meus jovens, ou a vós, rapazes" ou algo assim. Ao invés disso, ele disse: "A vós, meus conservos." Ele os colocou em seu próprio nível. Deixou bem claro, naquela importante ocasião, que, na Igreja, um não é o mestre, e outro o servo, mas que todos os portadores do sacerdócio são conservos do Deus Eterno, de quem procede essa autoridade. Um homem pode ser rico ou pobre, pode ser fisicamente

forte ou fraco, pode ter a pele clara ou a pele escura, pode ser alto ou baixo, pode ser muito instruído ou ter relativamente pouca instrução, como Joseph. Nada disso faz diferença em termos de autoridade divina. O importante é que cada um seja digno. Essas palavras iniciais de João são tremendamente significativas — "meus conservos". Alguns dos maiores nomes da história desta obra foram homens com poucos bens materiais, de relativamente pouca escolaridade, e nem todos eram homens de aparência refinada. O importante é que eles foram considerados dignos de receber e exercer o sacerdócio de Deus.

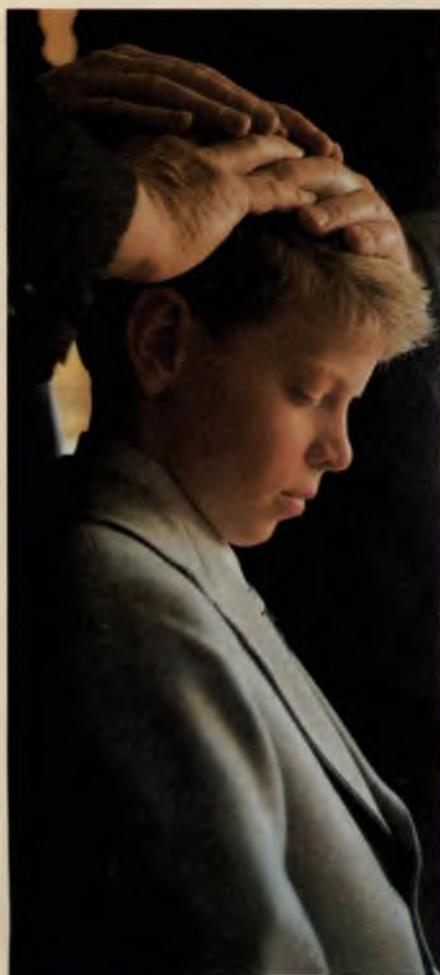
João disse a seguir: "em nome do Messias." Novamente, naquela primeira ordenação desta dispensação, ele estabeleceu um modelo para nós. Quando estamos envolvidos nas ordenanças do sacerdócio, comumente não dizemos "em nome do Messias". Em geral dizemos a mesma coisa em linguagem diferente, ou seja, "em nome de Jesus Cristo". Não devemos nunca esquecer que todo o trabalho do sacerdócio nós o fazemos em nome de Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Salvador e Redentor do mundo, em cujo serviço estamos engajados na qualidade de portadores do sacerdócio.

O nome de Jesus Cristo é sagrado. Ninguém deve jamais usá-lo de outra maneira que não seja sagrada. Profaná-lo é pecar de uma forma bastante séria. É o nome sagrado divinamente atribuído a esta Igreja. É diferente de todos os outros, porque é o nome daquele que foi diferente de todos os outros homens. Ele veio à terra, filho de uma mulher mortal e do Pai Eterno. Em virtude do poder divino que estava nele, venceu a morte, levantou-se do túmulo e trouxe salvação para toda a humanidade.

Nunca, em nenhuma circunstância, tomeis o nome do Senhor em vão. Mantende-o sagrado e usai-



João disse a seguir: “em nome do Messias.” Novamente, naquela primeira ordenação desta dispensação, ele estabeleceu um modelo para nós. Não devemos jamais esquecer que todo o trabalho do sacerdócio nós o fazemos em nome de Jesus Cristo, o Filho de Deus.



o com reverência.

João, a seguir, disse que conferia o Sacerdócio de Aarão — Aarão, que detinha este maravilhoso poder e autoridade. João continuou, afirmando que esse sacerdócio “possui as chaves da ministração dos anjos”. Que são chaves? Elas representam a autoridade para abrir e tornar disponíveis certas bênçãos maravilhosas e específicas, inclusive a “ministração dos anjos”. Todo jovem que possui o Sacerdócio Aarônico tem direito à ministração dos anjos, se vive de modo que seja digno dela. Isso significa que ele pode invocar o poder divino para receber proteção, diretriz, conforto, força. Creio que João não estava usando palavras vãs, quando falou de anjos ministradores. Acho que estava conferindo um recurso de valor inestimável, que estaria à disposição daqueles que possuíssem o sacerdócio, contanto que o procurassem e vivessem para ele.

Falou, depois, do evangelho do arrependimento. O Senhor deixou muito claro, nos primeiros anos desta dispensação, que não temos responsabilidade maior do que incentivar as pessoas a se arrependem. Isto simplesmente significa que os incentivamos a renunciar ao mal, a modificar-se inteiramente, a colocar sua vida em harmonia com as verdades do evangelho eterno. Espero que todos os jovens do Sacerdócio Aarônico estejam planejando cumprir missão e que tenham essa oportunidade. Espero que quando forem para a missão, o ponto principal de seu esforço seja ensinar arrependimento. Isto talvez não signifique que eles simplesmente devam dizer às pessoas que se arrependam. Ao contrário, significa que eles ensinarão o evangelho, de tal maneira, que aqueles que os ouvirem queiram mudar de vida, abandonar os pecados do passado e viver acima e além deles, no futuro.

João prosseguiu, dizendo a Joseph e Oliver que, com esse sacerdócio, ele lhes conferia autoridade de batizar por imersão para remissão dos pecados.

Como o Senhor deixou claro em revelações posteriores, o batismo é um símbolo da morte e sepultamento, e depois, do ressurgimento em novidade de vida. Que notável e maravilhoso é o fato de que os pecados do passado são perdoados, isto é, apagados, e

que podemos sair das águas do batismo limpos e purificados, aceitáveis perante o Senhor para começar nossa vida novamente, com a resolução de que viveremos sem pecado!

Ninguém na terra pode realizar esta ordenança com a autoridade apropriada, a não ser que tenha sido ordenado ao sacerdócio.

É de se admirar que, a cada ano, no dia 15 de maio ou em data próxima, comemoremos a restauração do Sacerdócio Aarônico? É algo que devemos comemorar. Representa a vinda da autoridade divina à terra, que havia sido tirada, e que foi trazida de volta com a promessa de que permanecerá para sempre na terra.

Tendo eu conhecido e visto esse poder, e como alguém que ouviu a voz do Espírito, testifico da veracidade destas coisas em nome de Jesus Cristo. Amém. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

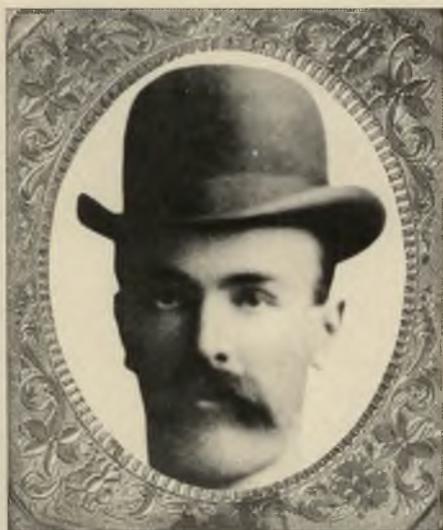
Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. O Sacerdócio de Aarão foi conferido a Joseph Smith e Oliver Cowdery por um ser ressuscitado — João Batista.
2. A autoridade do sacerdócio que João conferiu a Joseph e Oliver, foi a mesma que ele possuía, quando batizou o Salvador tantos anos antes.
3. Com a restauração do Sacerdócio Aarônico, veio o grande dom do batismo, o símbolo do abandono de nossa vida passada, e do início de uma vida agradável a Deus.

Sugestões para o Debate

1. Fale sobre seus sentimentos a respeito da restauração da autoridade do sacerdócio nesta dispensação. Peça aos membros da família que falem sobre o que entendem a respeito do sacerdócio.
2. O artigo contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria preferível abordar esse assunto depois de conversar primeiro com o chefe da família? O líder do quorum ou o bispo tem uma mensagem para o chefe da família?

NO TEMPO DO SENHOR



C. Eric Ott
Em 1895, Joseph Alma Ott, irmão de meu avô, foi o primeiro missionário a ser chamado na pequena cidade de Tropic, ao sul de Utah. Ele era o terceiro filho de David Benton Ott e Hannah Normington, pioneiros resolutos que ajudaram a transformar o deserto do sul de Utah em fazendas e pastagens para o gado.

O chamado missionário para a Alemanha chegou apenas algumas semanas depois que Joseph, um jovem de vinte e quatro anos, casara-se com Elizabeth Jolley no Templo de St. George (Utah). Como muitos outros de sua geração, Joseph deixou para trás tudo o que conhecia e amava e partiu em sua longa jornada para a Europa.

Infelizmente, a tragédia foi o primeiro e único companheiro missionário de élder Ott. Ao desembarcar do navio na Alemanha, escorregou e caiu na água fria. Ficou doente por ter-se exposto à água gelada e aos rigores do inverno. Suas condições pioraram e, um mês depois de sua chegada ao campo missionário, Joseph morreu. Foi enterrado em Dresden, uma cidade agora localizada na República Democrática Alemã. O único bem de valor enviado para sua casa pelas autoridades locais, foi um relógio de ouro que, posteriormente, foi levado por meu avô e depois por meu pai em suas missões.

A notícia da morte do élder Ott arrasou a família. Joseph estava morto, sua vida perdida, seu corpo enterrado em uma terra distante. Elizabeth, que semanas antes havia dançado alegremente em seu casamento, era uma viúva consumida pela dor. O pai de Joseph lamentava-se da mesma forma que Jacó, na antigüidade,

se lamentara quando seu filho José fora dado como morto por animais selvagens.

Embora o tempo e a fé que possuíam por fim amenizassem o golpe, a história de sua malfadada missão foi transmitida de geração em geração.

Nesse meio tempo, a memória de élder Ott foi carinhosamente preservada pelos santos alemães. Pouco depois da morte de Joseph, o presidente da Missão Européia e vários élderes da Igreja realizaram uma breve cerimônia ao lado do túmulo e dedicaram a sepultura. Erigiu-se um monumento, pago com contribuições locais. Construído em mármore branco, tinha 1,60m de altura e a inscrição:

Em Memória
do Missionário
de A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias

Joseph A. Ott

Nascido a 12 de dezembro de
1870
em Virginia City, Utah

Falecido a 10 de janeiro de
1896, em Dresden,

Dedicado a Ele por
Seus Companheiros de Crença

Os santos alemães enviaram uma grande fotografia da lápide para a família Ott. Por muitos anos ela foi proeminentemente exposta na casa dos pais de Joseph, e depois na casa de sua irmã. Vários anos após sua morte, a igreja ofereceu-se para enviar os restos de Joseph para casa, a fim de serem enterrados em sua cidade natal. No entanto, depois de pensar e orar cuidadosamente, a família decidiu deixar o corpo na Alemanha, onde sua missão



havia terminado tragicamente antes de começar.

Uma Luz Brilhando

Mas, de uma forma estranha, a obra missionária de Joseph Ott nesta vida ainda não havia terminado.

Em 1908, uma mulher chamada Maria Strauch fazia visitas regulares ao cemitério de Dresden, para velar a sepultura de um parente.

Em uma dessas visitas, Maria viu o que parecia ser uma luz brilhando em uma das lápides. Ela ficou curiosa e decidiu investigar. Aproximando-se da lápide, descobriu que marcava a sepultura de um missionário chamado Joseph Ott.

Maria pensou no que tinha visto. O que significava? Quem era este homem? Por que voltara ela sua atenção para a lápide? Recebeu uma resposta, dizendo-lhe que tinha de aprender mais sobre a igreja mencionada na lápide.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tinha poucos membros na Alemanha, no início do século. Entretanto, a pesquisa logo levou Maria Strauch ao ramo local da igreja. Ela aceitou alegremente a mensagem do evangelho e foi batizada. Um ano depois, seu marido Herman juntou-se a ela, e eventualmente vários de seus treze filhos foram batizados.

Desde aquela época, os descendentes de Maria muito contribuíram para o crescimento da igreja na Alemanha. Por exemplo, um de seus filhos, Herman Karl Strauch, cumpriu missão em sua terra natal, na década de 20. A luz do evangelho sempre mostrou

um forte brilho na família Strauch no decorrer de duas guerras e da divisão da Alemanha em duas nações.

Visitantes Inesperados

Certa tarde, no início de 1988, enquanto eu estava trabalhando em meu escritório no Centro de Treinamento Missionário em Provo, Utah, um casal de missionários inesperadamente veio visitar-me. Suas plaquetas os identificavam como Roman e Hella Smith.

Sister Smith disse que havia visto meu nome na porta e sentira-se compelida a falar comigo. Ela perguntou se eu sabia alguma coisa a respeito de um missionário chamado Ott, que havia ido para a Alemanha há muitos anos e lá morrerara. Pensei imediatamente em meu tio-avô Joseph. Disse-lhe o nome dele e rapidamente falei sobre as circunstâncias de sua morte na Alemanha.

Sister Smith hesitou um pouco. Então, com entusiasmo crescente, contou-me a história de Maria Strauch: suas visitas ao cemitério, a luz que parecia brilhar na lápide de Joseph, e a conversão de Maria e de sua família. Então Hella Smith contou-me que era neta de Maria Strauch. Sua mãe, Ghemela Strauch Ulpts, era a décima-terceira filha de Herman e Maria Strauch. Nascida e criada em Dresden, Hella deixara a Alemanha Oriental em 1955 e, por fim, viera para os Estados Unidos com sua mãe viúva e seu irmão Henry. Agora ela e seu marido estavam voltando para a Alemanha como

missionários.

Quando as duas histórias se juntaram naquele dia, sister Smith e eu ficamos quietos, saboreando o doce sentimento que havia surgido entre nós. "Irmão Ott", disse ela, "parece que afinal de contas seu tio-avô Joseph foi um missionário de sucesso."

Ouvir a história de Maria Strauch iluminou a vida de muitas pessoas. Saber que alguma coisa boa resultara da missão de Joseph Ott foi um conforto para minha família, como a cura de uma longa doença. Para mim, porém, ouvir o resto da história trouxe não apenas conforto, mas também entendimento. Mudou minha maneira de pensar sobre a obra missionária e sobre a vida.

Em meu trabalho para a Igreja, tenho tido muitas oportunidades de avaliar missionários. Como muitos outros, tenho sido inclinado a julgar seu sucesso apenas pelo número de conversos batizados durante a sua missão e outras medidas imediatas de produtividade.

Agora percebo que muitos acontecimentos não podem ser julgados com base em sua própria estrutura limitada de tempo. Sempre haverá um Abinadi ou um Joseph Ott, cujo trabalho atinge a realização desejada em época posterior. Os propósitos de Deus muitas vezes vão além do momento presente; o dia do Senhor é mais longo do que os nossos, e o verdadeiro valor de uma missão ou de uma vida só pode ser medido na perspectiva do Mestre. □

O irmão Ott, Diretor de Pesquisa e Avaliação do Centro de Treinamento Missionário de Provo, Utah, é bispo da Ala Orchard Três, Estaca Orem Utah Leste.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da igreja.

O que havia nas crenças dos homens que o Senhor achou abominável, como afirmou na Primeira Visão?



Hoyt W. Brewster Jr, diretor do Departamento do Sacerdócio de Melquisedeque. Departamento de Currículos da Igreja.

Em pelo menos quatro ocasiões, o Profeta Joseph Smith escreveu ou ditou um relato da sua experiência relativa à Primeira Visão. Apenas em uma dessas ocasiões, um breve relato registrado em 1835, por Warren Cowdery, não faz menção às falsas crenças que estavam então sendo ensinadas aos homens. (Ver Milton V. Backman Jr, *Joseph Smith's First Vision*, Salt Lake City: Bookcraft, 1980.)

Em um relato ditado em 1832 para Frederick G. Williams, o Profeta Joseph relatou como o Salvador lhe dissera que “o mundo está em pecado nesta época e ninguém faz o bem”. O Senhor disse ainda: “Aproximam-se de mim com os lábios, mas seus corações estão longe de mim” (Backman, *First Vision*, p. 157).

O registro que atualmente se encontra na Pérola de Grande Valor foi escrito em 1838. Nesse registro, o jovem Joseph perguntou à Deidade “qual de todas as seitas era a verdadeira”. O Filho de Deus respondeu que “todas estavam erradas; . . . que todos os seus credos eram uma abominação à sua vista; que todos aqueles mestres eram corruptos,

que, eles se chegam a mim com os seus lábios — porém, seus corações estão longe de mim; eles ensinam como doutrina os mandamentos dos homens, tendo uma religiosidade aparente, mas negam o meu poder” (Joseph Smith 2:18–19).

Em um relato feito em 1842, conhecido como a carta Wentworth, o Profeta escreveu: “Dois gloriosos personagens . . . me disseram que todas as denominações religiosas estavam crendo em doutrinas incorretas, e que nenhuma delas era reconhecida por Deus como sua igreja e reino” (Backman, *First Vision*, p. 169).

Através desses relatos da experiência do Profeta no Bosque Sagrado, naquela primavera de 1820, fica claro que Deus, o Pai, e seu Filho estavam profundamente desgostosos com as doutrinas que eram ensinadas nas igrejas.

Talvez uma das principais razões pelas quais o Senhor estava desgostoso seja porque os preceitos dos homens não têm poder de salvação. Na antigüidade, o Apóstolo Paulo advertiu que tempos perigosos viriam, nos quais práticas apóstatas, criadas pelos homens, iriam prevalecer. Ele advertiu que aqueles que defenderiam essas práticas teriam “aparência de piedade”, mas negariam “a eficácia dela”. Sua exortação foi: “Destes afasta-te” (II Timóteo 3:5; ver também Joseph Smith 1:19).

Qualquer credo, doutrina, filosofia, preceito, prática, ordenança ou ensinamento que, deliberada ou inadvertidamente, afaste as pessoas do poder de salvação de Cristo e de seu evangelho, é uma abominação. Nesse sentido, qualquer coisa que se desvie da verdade ou da autoridade divina de Deus, mesmo que levemente, não tem divindade; desses, devemos afastar-nos.

O Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith que o poder de divindade se manifesta nas ordenanças de seu sacerdócio. “Sem as suas ordenanças e a autoridade do sacerdócio, o poder de divindade não se manifesta aos homens na carne” (D&C 84:20–21).

As ordenanças do evangelho que se assemelham na forma àquelas que a Deidade declarou necessárias

para a salvação, mas que não têm a *autoridade* do sacerdócio, não são aceitas por Deus e, portanto, não têm o poder de salvar almas. Mais ainda, não importa o quão sinceras sejam as intenções de uma pessoa, ao realizar e receber uma ordenança do evangelho; se a ordenança for realizada sem a autoridade reconhecida por Deus, não tem o poder de salvar.

Como resultado, a obra de Deus — que é “proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem” (Moisés 1:39) — é retardada. Assim, qualquer coisa que retarde a obra de Deus, intencionalmente ou não, é uma abominação.

O élder John A. Widtsoe fez a seguinte observação a respeito da abominação da qual se fala na Primeira Visão:

“Jesus disse a Joseph que todas as igrejas estavam erradas, e que suas crenças eram uma abominação aos seus olhos, que aqueles mestres eram todos corruptos. Essa afirmação levou muitos a se ofenderem. Não nos deve surpreender, no entanto, se considerarmos que Joseph estava em busca da verdade. Havia dúvidas em sua mente. *Tudo o que não é verdade é uma abominação*. Limpemos o mundo da mentira, e o mundo será um lugar melhor. Os ministros não eram necessariamente corruptos; mas, uma vez que pregavam a mentira e professavam a mentira, eram mestres corruptos. Há uma sutil distinção entre um homem que é enganado e alguém que deliberadamente ensina a mentira. A afirmação feita pelo Salvador não deve ser mal interpretada. A verdade é a única coisa sagrada; e se ela é violada ou modificada, aqueles que a ensinam tornam-se corruptos e abomináveis” (“Joseph Smith — O Significado da Primeira Visão”, *The Annual Joseph Smith Memorial Sermons*, volume 1, Logan, Utah: Institute of Religion, 1966, p. 28; grifo nosso).

As escrituras apropriadamente nos aconselham a não prestarmos atenção a “fábulas . . . nem aos mandamentos de homens que se desviam da verdade” (Tito 1:14).

Os santos dos últimos dias não pretendem

ofender, ao falar dos falsos credos e crenças de outros como abominações. Mas temos de ser inflexíveis, ao nos apegarmos tenazmente à verdade. Há “*um só Senhor, uma só fé, um só batismo*” (Efésios 4:5; grifo nosso).

Reconhecemos que, por meio dos esforços sinceros e dedicados de mestres e ministros de outras crenças, coisas boas são realizadas no mundo. Por exemplo, Sidney Rigdon foi ministro de uma outra igreja, antes de tomar conhecimento do Evangelho restaurado de Jesus Cristo. Depois de sua conversão, o Senhor disse a ele: “Meu servo Sidney, . . . tenho olhado a ti e a teus trabalhos. Eu tenho ouvido as tuas orações e tenho-te preparado para um trabalho maior” (D&C 35:3).

Sidney Rigdon, obviamente, havia prestado um valioso serviço em seu ministério anterior, mas podia, depois de aceitar o evangelho restaurado e de receber o poder do sacerdócio divinamente restaurado, prosseguir em um “trabalho maior”, ensinando as revelações de Deus e administrando as ordenanças salvadoras do evangelho.

Certamente aqueles que defendem a retidão, entre os quais se incluem muitos ministros de outras igrejas, estão entre os homens e mulheres honrados da terra. Ainda assim, a revelação nos lembra que, mesmo os “homens honrados da terra” ficarão entre aqueles que não terão exaltação no reino celestial, se não tiverem aceitado os princípios e ordenanças salvadores do evangelho de Jesus Cristo, que só podem ser obtidos através de sua igreja restaurada. (Ver D&C 76: 75–78.)

A retidão pessoal e as boas intenções não são suficientes para salvar almas no reino celestial de Deus. O próprio Salvador, mostrando a diferença entre os galardões, disse: “Quem recebe um profeta em qualidade de profeta, receberá galardão de profeta; e quem recebe um justo em qualidade de justo, receberá galardão de justo” (Mateus 10:41).

Se tivéssemos de seguir os ensinamentos de um ministro honrado, digno, que não tivesse autoridade para administrar as ordenanças salvadoras do evangelho, receberíamos o galardão desse homem

digno, mas não teríamos a salvação total. O Senhor enfatiza clara e repetidamente, a necessidade de certas ordenanças para receber a salvação. (Ver João 3:5; D&C 132:18–19.)

Ao rejeitar os falsos credos e ordenanças sem autoridade, não estamos julgando as pessoas. Reconhecemos que há pessoas boas, de boa moral, e integras em todas as igrejas. O Élder James E. Talmage observou que, “quando dizemos que o Senhor não está satisfeito com essas igrejas, não queremos dizer que ele não está satisfeito com os seus membros . . . A Igreja, como tal, pode estar completamente corrompida por causa das falsas afirmações que estão sendo feitas por ela, e ainda assim, dentro daquela igreja, entre seus membros, pode haver pessoas que estejam fazendo o melhor possível” (Conference Report, outubro de 1928, p. 120).

O Élder Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze Apóstolos, observou:

“Sabemos que há pessoas decentes, respeitáveis, humildes em muitas igrejas, cristãs ou não. Ao mesmo tempo, com bastante tristeza, há os assim chamados santos dos últimos dias que, comparativamente, não são tão dignos, porque não guardam os seus convênios.

Mas não é uma questão de comparar indivíduos . . .

A boa conduta, sem as ordenanças do evangelho, não redimirá nem exaltará a humanidade; os convênios e ordenanças são essenciais. É requerido de nós que ensinemos as doutrinas, mesmo as impopulares” (Conferência Geral, outubro de 1985).

Não pedimos às pessoas que abandonem as verdades que agora possuem. Nosso desejo é compartilhar a verdade total do Evangelho de Jesus Cristo com toda a humanidade e colocar à disposição de cada indivíduo o poder total de salvação.

Ao declarar esta mensagem, seria bom que mantivéssemos na mente as admoestações de dois dos servos de Deus. O profeta nefita Alma aconselhou seu filho Shiblon a “(ser) intrépido, mas não despótico”, ao pregar a palavra de Deus (Alma 38:12).

Por outro lado, as palavras do Apóstolo Paulo devem estar nos lábios e no coração de todos os santos dos últimos dias: “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (Romanos 1:16).

Assim, enquanto corajosamente declaramos que os preceitos dos homens são uma abominação aos olhos de Deus, humildemente reconhecemos a incumbência sagrada que temos, de partilhar a plenitude do evangelho e de convidar toda a humanidade a se voltar para Cristo. Fazer menos que isso seria cair em condenação. Ter a verdade, ser guardiães das ordenanças salvadoras e não ter o desejo de compartilhá-las com as outras pessoas já seria, em si, uma abominação para o Senhor.

Talvez um pensamento final a respeito da verdade e abominação deva ser considerado. Membros do reino de Cristo aqui na terra, que receberam as ordenanças salvadoras do evangelho, através da autoridade apropriada do sacerdócio, não devem ser orgulhosos nem complacentes em relação ao fato de serem membros. O próprio Senhor declarou que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é “a única igreja verdadeira e viva sobre a face de toda a terra, com a qual, Eu, o Senhor, me deleito, falando à igreja coletiva e não individualmente” (D&C 1:30).

Ser membro da igreja do Senhor aqui na terra não garante a exaltação no seu reino futuro. Temos de guardar os convênios sagrados feitos com Deus e procurar fazer a sua vontade em todas as coisas. As ordenanças autorizadas são essenciais para a salvação, mas também o é a obediência na observância dos mandamentos e convênios associados a essas ordenanças.

Um profeta antigo nos lembra que, uma vez que tenhamos entrado no caminho reto e apertado, “(devemos), pois, prosseguir para a frente com firmeza em Cristo”, que, se “assim (prosseguirmos), banqueteados-nos com a palavra de Cristo e perseverando até o fim”, o Pai nos promete vida eterna (2 Néfi 31:19–20).

É pequena a diferença entre seguir crenças abomináveis e abandonar as doutrinas verdadeiras. De qualquer modo, estará faltando o poder de salvação, e o resultado final é o mesmo: o indivíduo não obtém a exaltação.

“Pois se um dom é conferido a um homem, de que proveito é se ele não o aceita? . . .

Aquele que transgride a lei, e não a obedece, mas antes procura ser para si mesmo a lei, preferindo estar em pecado, . . . não pode ser santificado pela lei nem pela misericórdia, justiça ou julgamento” (D&C 88:33, 35). □

ENSINAR AOS FILHOS O LIVRE-ARBÍTRIO

E COMO EFETUAR ESCOLHAS

A todos nós foi dado o direito de escolher o bem ou o mal. Esse arbítrio é eterno e tão importante para nosso progresso como a fé e o arrependimento. O falecido presidente Marion G. Romney disse: "Livre-arbítrio significa liberdade e poder de escolha e ação. Depois da vida em si, é a mais preciosa herança do homem" ("Princípios Básicos dos Serviços de Bem-Estar da Igreja", *A Liahona*, agosto de 1976, p. 109).

O princípio do livre-arbítrio é tão importante, que ocorreu uma grande luta em nossa existência pré-mortal para preservá-lo. Nosso Pai Celestial e Jesus Cristo queriam que fôssemos capazes de escolher se viveríamos de acordo com seus mandamentos, ou não. Lúcifer nos teria negado essa oportunidade de escolha. (Ver D&C 29:36; Moisés 4:1-4; Abraão 3:22-28.)

Os pais têm, portanto, a responsabilidade de ensinar a seus filhos a importância do livre-arbítrio e como usá-lo de maneira responsável.

Explicar o Livre-Arbítrio

As escrituras deixam claro que, para que o livre-arbítrio moral exista, quatro coisas são essenciais: leis, oposição, conhecimento, e liberdade de escolha. (Todo o relato do segundo capítulo de 2 Néfi explica a relação entre esses quatro elementos.)

Leis. Antes que o livre-arbítrio possa ser usado, precisamos receber certas regras ou mandamentos que deveremos seguir. Esta é uma razão pela qual nosso



“**M**ichael,
gostaria de dizer-lhe
por que faço minhas
orações.”

Pai Celestial e Jesus Cristo nos deram leis. Obedecer a essas leis traz certas bênçãos; desobedecer a elas traz conseqüências negativas. (Ver D&C 130:20–21.)

Oposição. Como ensinou o profeta Léhi, o livre-arbítrio não pode existir, a menos que haja escolhas entre opostos a serem feitas. (Ver 2 Néfi 2:11.) Embora nem todas as escolhas que fazemos na vida sejam necessariamente entre o certo e o errado, no final teremos de escolher o bem ou o mal. Há forças opostas que nos induzem a escolher o seu caminho, mas nós tomamos a decisão.

Conhecimento. Para efetuarmos escolhas sábias, temos de ter o conhecimento de quais são as escolhas e de suas conseqüências. Nossa capacidade de escolher bem, cresce à medida que aprendemos quais conseqüências acompanham quais escolhas. (Ver 2 Néfi 2:5, 26.)

Uma simples lição expositiva pode ajudar as crianças menores a entenderem este princípio. Escreva várias tarefas em pedaços de papel, de tamanho suficiente para serem facilmente lidas. Coloque-os em uma caixa ou tigela e peça às crianças que escolham um pedaço de papel com os olhos vendados. Depois, deixe-as escolher com os olhos abertos. Pergunte-lhes qual é a maneira mais segura de obter o que querem. Ressalte que, enquanto elas talvez obtenham o que querem sem olhar, as oportunidades de satisfação são muito maiores, quando podem ver as opções e saber o que estão escolhendo.

Liberdade de Escolha. Não pode haver livre-arbítrio sem liberdade de tomar decisões. O livre-arbítrio, no entanto, não significa que efetuemos escolhas ilimitadas. Todos somos limitados, de



alguma forma, por nossas situações e circunstâncias. Não podemos escolher, por exemplo, nascer em um lugar diferente, ou nascer uma pessoa diferente do que somos. (Ver 2 Néfi 2:16, 27–29.)

Da mesma forma, não podemos ser desonestos e esperar nossa entrada no reino de Deus. Essa bênção só é dada aos honestos. Para termos verdadeira liberdade de escolha, tem de haver, primeiro, responsabilidade. À medida que a liberdade de escolha cresce, a responsabilidade também tem de crescer.

Por outro lado, podemos perder a liberdade de efetuar escolhas irresponsáveis. Por exemplo, um aluno que escolhe não estudar e tira notas baixas no colégio, não pode entrar em determinadas universidades. Alguém que escolhe quebrar a Palavra de Sabedoria, pode tornar-se viciado em álcool, drogas ou cigarro. Aqueles que escolhem quebrar as leis civis, perdem a liberdade e são colocados na prisão. Da mesma forma, aqueles que quebram as leis de Deus, perdem certas liberdades.

O que quer que decidamos fazer — ou não fazer — traz uma conseqüência. Assim, embora sejamos livres para escolher, *não* estamos livres das conseqüências. Portanto, quando usamos nosso livre-arbítrio, não podemos ignorar as conseqüências. Algumas conseqüências são percebidas com maior facilidade que outras. Essa é uma das razões pelas quais as escrituras, os profetas e a oração pessoal são tão importantes. “Quando temos as escrituras em nosso coração e em nossa mente e em nossa alma, então temos os meios de medir todas as coisas; temos um meio de julgar todas as outras coisas.” (Arthur Henry King, *The Abundance of the Heart*, Salt Lake City: Bookcraft, 1986, p. 129.)

Às vezes temos de decidir obedecer àquilo que o Senhor nos pediu, mesmo sem saber qual poderá ser o resultado, confiando em que as conseqüências serão

para o nosso bem.

Cultivar o Livre-Arbítrio

A melhor maneira de nós, pais, ensinarmos a nossos filhos o uso do livre-arbítrio é pelo exemplo. Quando escolhemos viver o evangelho, damos a nossos filhos um treinamento poderoso no uso do livre-arbítrio. Eles aprenderão ainda mais com nosso exemplo, se reservarmos um tempo para falar com eles a respeito das escolhas efetuadas, de como nos sentimos com relação a essas escolhas, e das bênçãos que recebemos.

Mas, às vezes, o exemplo não é suficiente. Precisamos também orientar o uso que nossos filhos fazem do livre-arbítrio. Isso deve ser feito delicadamente — com amor, não com força. Michael, de três anos, preparava-se para ir dormir, quando anunciou a seu pai: — Não quero fazer oração hoje. — O pai não o repreendeu nem o humilhou, nem tentou forçá-lo a orar. Com delicadeza, pegou Michael no colo e disse: — Michael, gostaria de dizer-lhe por que faço minhas orações. — Ele então falou das bênçãos pelas quais gostaria de agradecer ao Pai Celestial e do sentimento bom que experimentava, quando pedia ao Pai Celestial que olhasse por ele. Logo Michael estava mencionando suas próprias bênçãos. Pouco depois, desceu do colo do pai, dizendo: — Agora quero fazer minha oração.

O pai, de maneira simples e sincera, compartilhou seus próprios sentimentos a respeito da importância da oração — poderia ser qualquer coisa de valor — e a criança pôde sentir o amor do pai, tanto a ela como ao Pai Celestial.

Quando uma criança faz uma boa escolha, um elogio sincero incentivará boas escolhas futuras. Quando mostramos que estamos atentos, nossos fi-

lhos entendem que estamos preocupados com o uso que fazem do livre-arbítrio, e que temos certeza de que eles podem escolher com sabedoria. E quanto mais específico for o elogio, mais orientação ele dará: "Comprar os sapatos com o seu dinheiro, ao invés de gastá-lo em doces, foi uma escolha sábia." Ou "Admirei a maneira como você quis ajudar no projeto de serviço da igreja, mesmo quando a partida de futebol estava sendo televisionada."

Como acontece com qualquer ensinamento que transmitimos a nossos filhos, o incentivo positivo e o afeto acalentador que lhes damos são mais poderosos do que qualquer correção. Mas, quando a correção for necessária, devemos salientar apenas por que uma escolha não foi boa — sem fazê-lo com exageros. É prejudicial, até mesmo destrutivo, apontar repetidamente os resultados de uma escolha má, ou usar aquelas palavras devastadoras: "Eu lhe disse o que iria acontecer!" É muito fácil fazer uma criança perder a confiança em si mesma e, com isso, fazê-la ter receio de usar o livre-arbítrio.

Conseqüências do Livre-Arbítrio

Quanto mais cedo começarmos a ensinar o uso adequado do livre-arbítrio, melhor. Mesmo as crianças menores podem começar a entender como avaliar as escolhas e as conseqüências. Às vezes explorar idéias em um jogo pode ajudar as crianças a pensar. Um desses jogos é chamado "O que aconteceria, se . . . ?" É feito sugerindo-se uma possível seqüência de ações, e depois pedindo a uma criança ou à família inteira que discuta as conseqüências. Por exemplo:

— O que aconteceria, se João sempre corresse na rua, sem olhar para os dois lados?

— O que aconteceria, se Maria decidisse não ir mais à aula da Escola Dominical?

Ou faça a pergunta, pensando nos dois lados da questão, como:

— O que aconteceria, se Luís decidisse nunca quebrar a Palavra de Sabedoria?

— O que aconteceria, se Luís decidisse experimentar algumas doses de bebida alcoólica com seus amigos?

Proporcionamos uma experiência eficiente de aprendizagem, quando permitimos que nossos filhos

sugiram tantas conseqüências quantas puderem. Esta não pode ser encarada como um momento adequado para um sermão, mas como um momento importante para vermos o quanto nossos filhos estão alertas para as conseqüências, e para, delicadamente, ajudá-los a percebê-las.

Além das brincadeiras, das aulas formais e também dos discursos, as crianças aprendem muito a respeito do livre-arbítrio, à medida que realmente experimentam as conseqüências de suas próprias escolhas. Se as protegermos constantemente das escolhas erradas, elas acabarão por esperar esse tipo de proteção como parte da vida. Há muitas maneiras pelas quais podemos deixar que nossos filhos sofram as conseqüências de suas escolhas, sem serem feridos física ou espiritualmente.

Se a filha que, sistematicamente, adiou fazer o trabalho de história por várias semanas, de repente rompe em lágrimas na noite antes do prazo de entrega e nos pede que a ajudemos a escrevê-lo, devemos tentar fazê-la entender por que é tarde demais até mesmo para que a ajudemos. Podemos também explicar-lhe por que sentimos que é certo que ela sofra as conseqüências da procrastinação.

Embora seja difícil, para muitos pais, deixar que as crianças sofram as conseqüências de seus erros, essa atitude as ajudará a se tornarem fortes. Isentar as crianças da responsabilidade, talvez com boa intenção, apenas vai confundir o seu entendimento da realidade. Deixar que sofram as conseqüências, ensinará a elas que são responsáveis por suas escolhas e que sofrerão por isso. É uma mensagem clara de confiança e respeito.

Finalmente, talvez queiramos discutir as regras da família, para ajudar nossos filhos a verem como lhes é permitido usar o livre-arbítrio dentro dos limites de sua idade, amadurecimento e senso de responsabilidade.

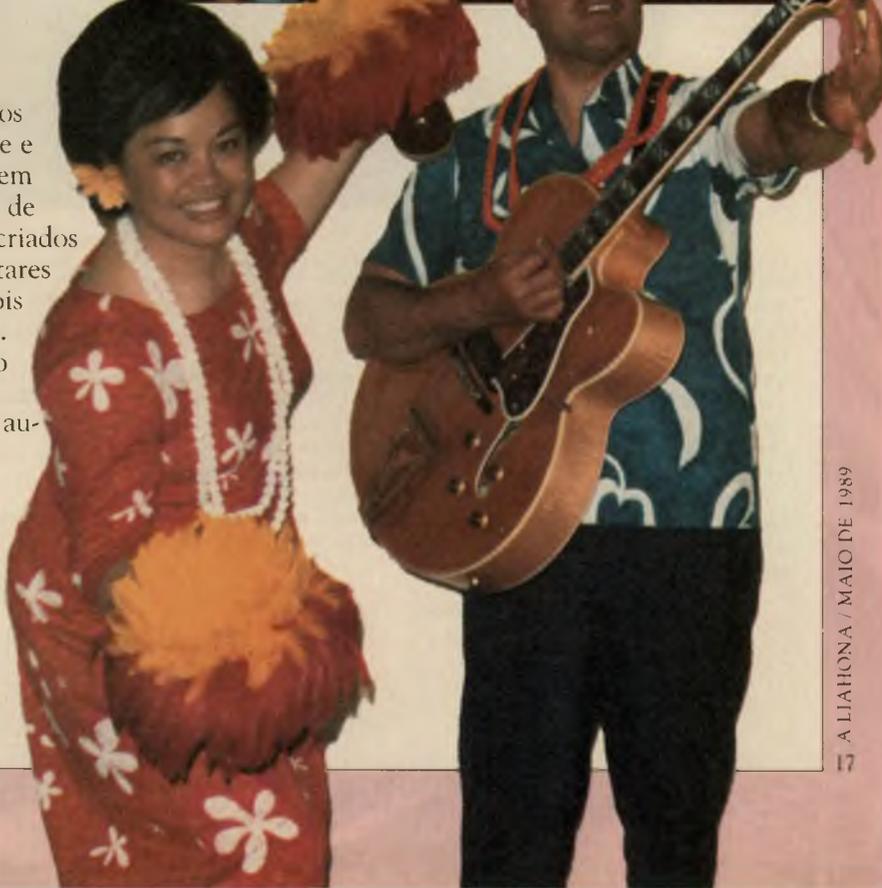
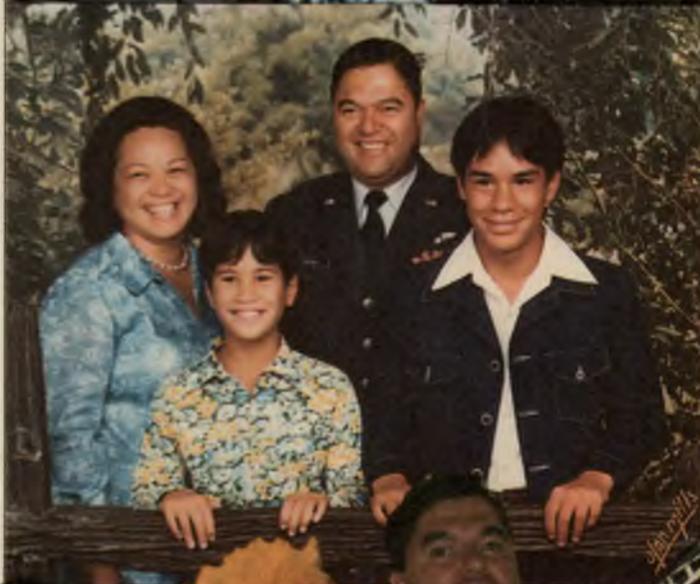
A capacidade de usar o livre-arbítrio, com sabedoria, é necessária para atingirmos nosso potencial eterno como indivíduos e como famílias. Quando ensinamos e exemplificamos esse princípio para nossos filhos, preparamo-los para os desafios que enfrentarão na mortalidade e treinamo-los para usarem o livre-arbítrio, a fim de que façam escolhas que lhes permitirão voltar um dia a nosso Pai Celestial. □

SEU JEITO HAVAIANO DE AMAR

Aonde quer que a vida os leve, das ilhas do mar à América do Norte ou do Sul, Bert e Amanda DuPont espalham calor, afeição e o evangelho.

JoAnn Jolley

Holbrook ("Bert") DuPont aposentou-se da Força Aérea dos Estados Unidos há seis anos: ele e sua mulher, Amanda, moram em uma casa confortável com vista para a cidade de Honolulu, Havaí. Ambos nasceram e foram criados na ilha de Oahu, embora as designações militares de Bert os tenham levado, junto com seus dois filhos, para longe de casa em muitas ocasiões. Mas onde quer que estejam, uma combinação notável de fé, herança e oportunidades tem abençoado seus esforços para fazer amizades e au-



Acima: Embora tivesse terminado sua designação militar, o coronel Holbrook "Bert" DuPont voltou a Bogotá em 1975 para assistir o Presidente Spencer W. Kimball e esposa em sua visita, para a Conferência de Área.

Centro: Com seus filhos de criação Douglas e Dwight em 1975. Os DuPont desde essa época já receberam cinco crianças adotivas e outros jovens em seu lar.

Embaixo: Bert e Amanda demonstram a música e a dança havaianas numa conferência de jovens na Colômbia.



O coronel DuPont voou a bordo de um avião de carga colombiano com destino a Bogotá, Colômbia, totalmente carregado com peças de helicópteros. Uma explosão a bordo danificou todo o sistema hidráulico inclusive o trem de aterrissagem. O coronel DuPont ajudou o piloto colombiano a fazer um pouso de emergência com o avião avariado. Embora a tripulação tenha conseguido destravar as rodas para o pouso, o trem de aterrissagem estava tão avariado que o avião se arrastou zigue-zagueando na pista.

Por este seu exemplo de "habilidade profissional e técnica", e por seus serviços prestados como consultor, o coronel DuPont recebeu a mais alta condecoração pela Força Aérea Colombiana, a medalha Antonio Ricaurte Medal, assim denominada em homenagem a um herói de guerra nacional. Acredita-se que o coronel DuPont foi o primeiro cidadão norte-americano a receber esta condecoração.

mentado sua "família".

O mais óbvio, no primeiro contato, é a mescla da linhagem dos DuPont, embora, como Bert admite, "minha genealogia é difícil de traçar. Meu avô, por parte de pai, era português; minha avó era havaiana. Por parte de mãe, há portugueses, havaianos e ingleses." O passado de Amanda também é variado; seu pai era chinês — seu sobrenome era Wong — e a mãe, havaiana e alemã.

Uma parte importante de sua herança é a fé — fé no Senhor, em seu evangelho, nos profetas, e um no outro. "Gostaria de dizer que cresci na igreja", diz

Bert, "mas não cresci. Sou considerado um converso pelos padrões da igreja, porque só fui batizado aos doze anos, embora freqüentasse a Primária. Venho de uma família em que nem todos são membros."

O pai de Bert, um oficial da polícia, inflexível, duro, muito respeitado, recusou-se a dar permissão para o batismo do filho; então, "quando eu tinha doze anos, insisti muito. Ele finalmente consentiu, e meu irmão e eu fomos batizados. Fui ordenado diácono pouco depois disso". Um ano depois, no entanto, Bert foi matriculado em um internato militar, que possuía sua própria igreja, protes-

tante sem denominação. Durante os cinco anos seguintes, lembra ele, a influência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias "simplesmente começou a desaparecer".

A Vida Começou a Mudar

Amanda não era membro da igreja, quando ela e Bert se conheceram, nem quando se casaram alguns anos depois. Bert tornara-se, de certa forma, um membro ativo durante seu treinamento na força aérea na Califórnia; mas, diz ele, "as coisas estavam caminhando lentamente para mim". Pouco depois do casamento, no entanto, "minha vida começou a mudar por causa dela.

Casamo-nos depois que eu fui comissionado como oficial na Força Aérea." (Amanda nessa época se gra-

duara como professora, pela universidade do Havai.) “Durante um certo tempo, moramos na Califórnia; mudamo-nos para Kansas, depois de um certo tempo de treinamento na força aérea no Texas. Duas semanas após nossa chegada a Kansas, acho que o Senhor sentiu que já era o momento de Amanda descobrir a igreja. Embora estivéssemos freqüentando as reuniões, não levávamos a igreja muito a sério.”

Bert foi mandado para a Groenlândia por 109 dias, e como o casal não havia encontrado ainda um apartamento em Kansas, Amanda ficou com o primo de Bert e a esposa. Esses parentes eram membros ativos da igreja, e eles e os missionários de estaca, começaram a incentivar Amanda a marcar o seu batismo para o mesmo dia em que a filha de oito anos seria batizada.

Amanda ficou um pouco aborrecida. “Eu não achava que *eles* deveriam saber quando *eu* estaria pronta; mas eles disseram que sabiam, e marcaram a data.”

“Não gostei muito daquilo”, diz Bert, lembrando a carta que Amanda lhe enviou naquela ocasião. “Eu estava um pouco envergonhado, porque aquela era minha igreja. Mas então, na semana seguinte, recebi uma outra carta, dizendo: Sinto muito, mas não posso esperar mais. Vou ser batizada no sábado.”

“Eles *realmente* sabiam”, sorri Amanda. “Eu estava pronta.”

Após a conversão de Amanda, Bert também começou a progredir na igreja. Foi ordenado mestre, depois élder, e os DuPont logo foram selados no templo.

Bert ainda tinha perguntas. “Não sinto vergonha de admitir — eu tinha algumas dúvidas sobre a igreja, e uma delas dizia respeito à realidade de um profeta nos tempos modernos.” Com o tempo, Bert receberia esse testemunho de uma forma muito pessoal — do próprio profeta de Deus.

Designação para a América do Sul

Junto com o crescimento espiritual contínuo, vieram outras responsabilidades na igreja, a adoção de dois filhos, e o rápido progresso profissional. Como coronel da Força Aérea, Bert era conhecido e respeitado por sua integridade, vontade de trabalhar e sua capacidade de realização. Esse renome tornou-o o principal candidato para uma designação em Monte-

vidéu, Uruguai, no início da década de 70, como conselheiro dos serviços militares daquele país. O cargo lhe foi oferecido, mas a decisão de aceitar ou recusar era dele. “Consultei o catálogo da igreja, para ver se havia a igreja lá”, diz ele. “Havia duas estacas”, e então pensei: “Bem, nós vamos.” Então ele e Amanda foram para Washington, D.C., onde ele fez um curso intensivo de seis meses de língua e cultura espanholas.

Mas depois Bert recebeu um telefonema de seus superiores. “Eles disseram: ‘Precisamos mais de você em Bogotá, Colômbia, do que em Montevidéu, e, assim, vamos mudar a designação.’ Não consegui encontrar nenhuma capela da igreja na Colômbia, e então recusei, e não havia nada que eles pudessem dizer que mudasse minha decisão.”

Certo dia recebi um outro telefonema de um oficial. Tentei explicar-lhe que eu era membro da igreja e por que não queria ir para a Colômbia. Acontece que ele também era membro da igreja, o presidente sênior dos setenta em sua estaca, e disse: ‘Irmão DuPont, já lhe ocorreu que talvez o Senhor tenha um trabalho para você fazer na Colômbia?’ Era a primeira vez que pensáramos no caso desta forma. Decidimos ir.”

Já na Colômbia, os DuPont descobriram que o Senhor realmente tinha um trabalho para eles — vários trabalhos, na verdade. “Sinto realmente”, diz Bert, “embora não pensasse assim na ocasião, que havíamos sido enviados para lá a fim de ajudar a igreja. Quando a igreja se estabelece em uma nova área, as pessoas convertidas nem sempre são os presidentes de bancos ou professores universitários; são as pessoas mais humildes e pobres. Tudo o que tínhamos lá eram missionários americanos, que muitas vezes não eram aceitos pelo povo. Minha situação era um tanto diferente, por causa de meu posto na Força Aérea; o fato de ser militar ajudou. E eu me parecia mais com eles; isso também ajudou. Os missionários ensinavam as pessoas, e elas não acreditavam; se, porém, nós batéssemos na porta e disséssemos a mesma coisa, elas aceitavam”.

“O Sangue de Israel Está Aqui”

Logo depois que os DuPont chegaram em Bogotá, Bert foi chamado para ser conselheiro na presidência do distrito; posteriormente, foi presidente de ramo



No jardim, Bert e Amanda DuPont, apreciam a belíssima vista de Honolulu.

O irmão DuPont recepcionou um grupo de Lobinhos de uma ala, em visita ao avião a jato pilotado por ele para uma companhia de seguros.

Durante uma visita em 1971 aos DuPont, em Bogotá, Colombia, o pai de Bert, Gabriel (à esquerda), foi batizado. A sua esquerda a mãe de Bert, Lillian, com Amanda e Bert.



Os pacientes do Hospital Franklin Delano Roosevelt, em Bogotá, para vítimas de pólio, recebem regularmente presentes do Papai "Bert" Noel, e de seus colegas militares.



em Bogotá. Amanda, calorosamente interessada em suas irmãs colombianas, aprendeu a língua e foi chamada para assumir responsabilidades de liderança na Sociedade de Socorro e na organização das Moças. Os DuPont eram amados e respeitados por seu compromisso com o evangelho e por seus atos diários de serviço cristão.

Uma boa parte de seu serviço abrangeu esforços missionários; tendo sido iniciada na Colômbia há aproximadamente doze anos, a igreja precisava de todos os testemunhos fortes e bons exemplos que pudesse obter. Um ex-missionário que serviu na Colômbia relembra que os DuPont eram “grandes exemplos para os santos. Eles demonstraram o que realmente eram o ensino familiar e as professoras visitantes; o que é a noite familiar, e o que significa amar e servir uns aos outros”.

A casa dos DuPont era um local de reunião muito querido para os élderes e sisters. Bert lembra: “Às vezes, tínhamos até sessenta missionários para o jantar, por ocasião dos grandes feriados dos Estados Unidos — Páscoa, Dia de Ação de Graças, Natal.”

Nos primeiros dias de sua estada na Colômbia, a questão de hereditariedade teve um papel importante na notável história de sucesso dos DuPont. Consideremos, por exemplo, sua participação na primeira conferência de jovens da igreja naquele país. Convidados a oferecer um pouco de entretenimento havaiano, eles viajaram de carro dez horas por uma estrada tortuosa na montanha, para assistir à conferência.

Chegando lá, Bert foi convidado a falar. “Ao olhar para aquele grupo — os líderes e os jovens — tive a forte impressão de que era como se eu estivesse no Havaí. Todos eles pareciam meus parentes; sua origem indígena era semelhante à dos havaianos e dos polinésios. Então, decidi que falaria a eles sobre Hagoite, o construtor de barcos nefita; comecei a falar sobre isso, e sobre como eles pareciam meus tios e tias lá do Havaí. Nosso relacionamento com eles cresceu com isso. Disse-lhes: ‘Quando os chamo de *hermanos y hermanas*, não quero dizer irmãos e irmãs no evangelho apenas; realmente quero dizer que temos um relacionamento sanguíneo — o sangue de Israel está aqui.’”

A imagem do “sangue de Israel” tornou-se ainda mais pessoal, quando Bert e Amanda convidaram os pais dele para visitá-los em Bogotá. Foi um novo começo.

“Meu pai era um bom homem”, reflete Bert, “mas não conseguimos convencê-lo a filiar-se à igreja — embora cada vez que nos visitasse, ele comentasse sobre a felicidade que tínhamos em nossa família, e como desejava que os outros filhos pudessem tê-la.”

Certa madrugada, durante a visita de seus pais, Bert foi acordado. “Fui inspirado”, lembra ele, “a ir e desafiar meu pai — novamente — a ser batizado, embora ele tivesse recusado muitas vezes antes. Acordei Amanda (sempre tenho de consultá-la, pois ela tem o Espírito!), falei-lhe sobre meus sentimentos e ela disse: ‘Bem, acho que seria melhor você fazer isso.’ Assim, fui até o quarto dele . . . era como Daniel entrando na cova dos leões.”

Bert acordou o pai, prestou-lhe testemunho, fez o desafio. A resposta? “Meu pai me deu um forte abraço e chorou. Ele fora atingido por tiros, golpeado e ferido muitas vezes na vida como oficial de polícia, e nunca antes derramara uma lágrima, pelo menos que eu soubesse.”

Em algumas semanas, o irmão DuPont havia abraçado completamente o evangelho. “Os missionários dos Estados Unidos não podiam ensiná-lo em inglês”, explica Bert, “porque só sabiam as palestras em espanhol. Assim, eu servia de intérprete para eles. Meus pais iam à igreja conosco todos os domingos, mesmo sem entender o que estava acontecendo, porque tudo era falado em espanhol. Mas, evidentemente, meu pai podia sentir alguma coisa — e eu acredito que era o espírito das pessoas. Havia pessoas em pé por falta de lugar, no dia em que ele foi batizado.”

Testemunho Pessoal do Profeta

Foi só em 1975, depois que Bert e Amanda haviam voltado para o Havaí, que o testemunho de Bert a respeito do profeta vivo foi realmente confirmado.

Haviam pedido a Bert que ajudasse nas medidas de segurança para o Presidente Spencer W. Kimball, que estava fazendo uma visita rápida a Bogotá. A descrição da experiência feita por Bert é um testemunho comovente da influência do profeta:

“O Presidente Kimball apertou-me a mão, e foi como se a eletricidade passasse por meu braço. Ele olhou-me nos olhos, e aconteceu; eu *soube*. Passamos juntos uma boa parte do tempo, e foi uma experiência maravilhosa.

Tivemos uma noite familiar na casa da missão, e

eu era o único sem a família. Sentei-me ao lado do Presidente Kimball, e ele pôs o braço em volta de mim. Então nos ajoelhamos, e o presidente da missão pediu ao Presidente que fizesse a oração familiar. Toda a minha vida mudou naqueles momentos; eu simplesmente *soube* que ele era um profeta. Foi a conversão total.”

Nesse meio-tempo, recorda Amanda com um sorriso de quem sabe, enquanto Bert estava com o Presidente, “as coisas não estavam indo muito bem em casa. Eu tive um acidente de carro; não me machuquei, mas o carro foi danificado”.

“Vocês têm de entender”, acrescenta Bert, “que eu era uma pessoa que sentia necessidade de ter tudo muito arrumado e limpo. Ninguém podia tocar no meu carro, porque deixaria a marca dos dedos nele.”

Amanda diz que os dois filhos deles, “Duane e Doug, não paravam de repetir: — Ah, rapaz, espere o pai chegar em casa e ver o carro. — No dia em que Bert voltou, eles não quiseram nem ir ao aeroporto comigo para buscá-lo, e, assim, fui sozinha; não houvera tempo de mandar consertar o carro”.

Mas algo havia mudado. “Bert saiu do avião, e eu acho que ele ainda estava nas nuvens. Quando me viu, tudo o que conseguia falar era a respeito da grande experiência que havia tido de estar com o profeta. Ele passou pelo pára-lama danificado do carro e nem mesmo o viu.

Quando chegamos em casa, os meninos estavam espiando por trás das cortinas. Bert disse: — Bem, se os meninos estão se escondendo, alguma coisa aconteceu. — Então tive de mostrar-lhe o pára-lama amassado. Ele olhou para aquilo, voltou-se para mim e disse: — Ah, querida, estou realmente feliz por você não ter se machucado. — E deu-me um grande abraço.”

As histórias continuam. Os DuPont abriram os braços e as portas de sua casa para uma procissão de filhos adotivos, para amigos colombianos menos afortunados e irmãos da igreja, missionários cujas finanças e confiança precisavam de ajuda, e para qualquer pessoa que possa usar um cálido cumprimento havaiano, uma amostra generosa da culinária especializada de Amanda, ou um empurrão delicado, mas persuasivo em direção à verdade e à retidão.

“Nós amamos as pessoas”, diz Amanda, “e o evangelho nos dá orientação para servi-las e ajudá-las onde quer que possamos.” □

PERFIL DE UM CONVERSO

MARTHA POSTON



Nascida em Atlanta, Georgia, Martha Poston filiou-se ao Corpo de Paz dos Estados Unidos, em 1972. O Corpo de Paz treina e envia voluntários para todo o mundo, a fim de usarem suas aptidões para ajudar outras pessoas. Ela filiou-se a essa corporação, diz, porque “queria compartilhar minhas habilidades e conhecimento com os menos afortunados que eu”. Depois de estudar saúde e saneamento, assistência a menores, alimentação e nutrição, e costura, Martha começou a servir na zona rural da Jamaica, onde organizou aulas para melhorar as condições de vida. No entanto, logo foi transferida para a Libéria, na África Ocidental.

Durante seu serviço no Corpo de Paz, Martha lembra que desejava um entendimento da eternidade e de seu lugar no plano de Deus. Ela possuía uma fé inata em um Pai Celestial amoroso. “Comecei a sentir inspiração espiritual, dizendo-me que colocasse minha casa em ordem”, lembra ela. “Mas, quando e por que razão não estava claro.”

Assim, Martha continuou a servir. Para ajudar a combater as doenças sempre presentes, ela ensinou às mulheres da zona rural da Libéria como fazer suas tarefas domésticas longe do chão, onde há muitos micróbios e bactérias, em pias e fornos feitos de grandes latas de óleo e fogões elevados, construídos com terra e cimento. Ela ensinou o uso de cordas de secar roupas nos vilarejos. Os nativos secavam as roupas no chão e usavam um ferro de carvão para matar ácaros que se aninhavam e punham ovos nas roupas. Os que sobreviviam se multiplicavam e infectavam aqueles que usavam as roupas, causando-lhes sofrimento. Ela tam-

bém lhes ensinou como ferver e usar os frutos das palmeiras como manteiga, a armazenar grãos, e a cons-

truir refrigeradores sem gelo com latas de óleo. Essas latas eram isoladas com sacas de arroz forradas de tecido e embebidas em água, criando um recipiente térmico rudimentar, que servia por vários dias.

À medida que Martha servia, sua espiritualidade começou a despertar. Ela às vezes ficava desanimada, mas lembra-se de que se sentia muito próxima de Deus. “Eu confiava em seu Espírito para fortalecer-me e orientar-me”, diz ela. “Nessa época, tive um sonho semelhante àquele que posteriormente reconheceria, quando li o Livro de Mórmon — o da barra que levava à árvore da vida. Outros sonhos me asseguravam que meu Pai Celestial me levaria da escuridão para a luz.

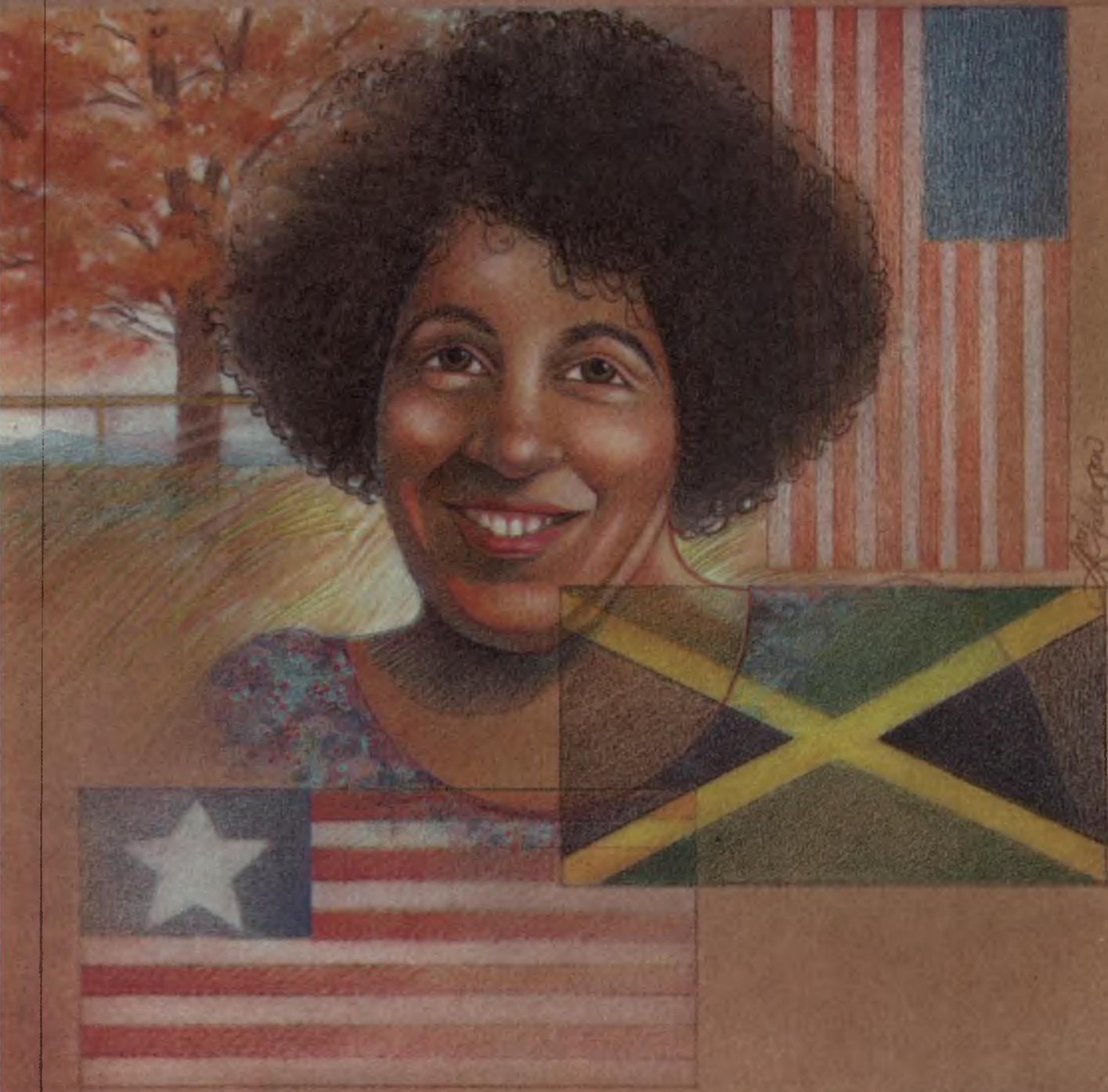
Comecei a ler minha Bíblia todos os dias, mas não a entendia”, diz ela. “Não sabia qual deveria ser meu próximo passo — eu simplesmente confiava no Senhor. Então minha mãe ficou doente, e eu voltei para Atlanta a fim de cuidar dela. Ainda continuei a pesquisar as escrituras.”

Enquanto Martha estava na casa da mãe, dois missionários bateram à porta da casa. “Estamos aqui para ensinar-lhe o evangelho restaurado de Jesus Cristo”, disseram eles. Depois da primeira palestra, Martha sentiu-se grata por receber mais conhecimento, mas não estava inclinada a filiar-se a essa “igreja verdadeira”. Mas, na terceira palestra, ela começou a receber as respostas às suas orações. Sentiu profundamente que estava sendo conduzida a essa igreja onde encontraria pessoas que poderiam amá-la e aceitá-la.

Em 1º de maio de 1983, Martha Poston foi batizada. Ela lembra que “minha alma estava faminta, e minha mente e meu espírito estavam sedentos, e Deus não me faltou”.

Dois anos depois, Martha recebeu um chamado

para cumprir missão no Templo de Atlanta, onde gosta de prestar o seu testemunho de “ter achado o Espírito do Filho amado de Deus, Jesus Cristo. Ele vive”, diz ela, “e está abençoando aqueles que abrirem seus corações e permitirem que ele entre”. □



A CONFIANÇA EM SEU CASAMENTO



Christie H. Frandsen

“O que realmente tem importância no casamento?” perguntei a mim mesma, enquanto observava as famílias de nossa ala entrarem na capela para a reunião sacramental. Alguns eram recém-casados, e outros eram casais mais idosos tão bem ajustados um ao outro, que se pareciam fisicamente e falavam de modo semelhante. Mas muitos eram casais semelhantes a meu marido e a mim — com filhos em vários estágios de crescimento, uma casa por pagar, carreira e chamados na Igreja aumentando os desafios da vida.

Havia um tempo em que eu, ingenuamente, pensava que todos os casamentos no templo automaticamente continuavam “felizes para sempre”. Mas acabei percebendo que todos os casamentos *não* são iguais. Na igreja toda, podemos encontrar casamentos que variam daqueles que têm uma satisfação maravilhosa àqueles cheios

Se nossas ações e atitudes forem sempre dignas e bem intencionadas, não apenas estará nosso cônjuge disposto a confiar em nós, mas também sentiremos uma confiança maior em nosso cônjuge.

de desilusões amargas. Todas as uniões têm os seus altos e baixos — épocas de grande alegria e crescimento pessoal, e épocas de frustrações e estagnação.

Assim, o que é necessário para um casamento sólido? As respostas são tão variadas quanto as pessoas que as dão: passar um tempo juntos uma noite por semana, sempre pensar em seu parceiro antes de pensar em si mesmo, passar um tempo ocasionalmente longe das crianças e das responsabilidades, nunca ir para a cama zangados, ter um tempo todas as noites para conversar, casar com a pessoa certa, ser o tipo certo de marido ou esposa.

Amor, altruísmo, namoro contínuo, comunicação aberta, retidão — tudo isso é importante no casamento. Mas estou convencida de que o sucesso do casamento começa com a *confiança*.

De acordo com o conselheiro SUD Carlfred Broderick, as “experiências realmente compensadoras na vida devem ser encontradas em relacionamentos confiantes e duradouros. Segurança e estabilidade, inteireza e paz interior, certeza do comprometimento da outra pessoa — todas essas são coisas profundamente satisfatórias.” (*Couples*, New York: Simon and Schuster, 1979, pp. 158–159.)

A confiança é tão importante para um casamento feliz como a fé o é para o testemunho. É o próprio fundamento sobre o qual se constrói o relacionamento. Se a confiança é forte e segura, o casamento pode crescer e florescer, apesar das dificuldades e crises. Mas, se a confiança for fraca e inconsistente, então o casamento sofrerá sob as pressões da vida diária.

Para entender realmente a importância da confiança no casamento, precisamos considerar a confiança em nós mesmos como parceiros no casamento, confiança em nosso cônjuge, confiança no próprio

casamento, e confiança no Senhor.

Confiança em Nós Mesmos como Parceiros no Casamento

A confiança em um relacionamento conjugal começa com a confiança em nós mesmos. O filósofo Soren Kierkegaard fala do “salto da fé” que todas as pessoas precisam dar, quando aceitam o cristianismo. Damos um “salto” similar, quando casamos e nos comprometemos com uma pessoa que durante muito tempo não conhecemos.

Esse salto da fé, no casamento, requer uma grande dose de confiança em nós mesmos. O casamento é uma ratificação tanto do valor pessoal como do crescimento potencial. Ao trocar promessas, dizemos a nosso cônjuge: “Vejo em você, como vejo em mim mesmo, uma pessoa maravilhosa, adorável. Acredito que podemos crescer juntos e compartilhar as bênçãos da eternidade.” A percepção de que alguém nos escolheu e nos ama pode fazer muito para aumentar nossa auto-estima e confiança.

Doutrina e Convênios também nos diz que, se desenvolvermos amor a toda a humanidade e deixarmos que a virtude governe nossos pensamentos, nossa confiança aumentará: “Que as tuas entranhas também sejam cheias de caridade para com todos os homens e para com a família da fé, e que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus.” (D&C 121:45.)

Confiança no Cônjuge

Que bênção é ter um cônjuge fiel! E como é devastador para um marido ou mulher estar constante-

mente desconfiado das ações de seu parceiro! Shakespeare, em sua obra *The Winter's Tale* (*O Conto de Inverno*), ilustra bem isso. O casamento de Leontes e Hermione, rei e rainha da Sicília, dissolve-se quando Leontes não consegue acreditar que sua esposa seja tão boa e graciosa como realmente é. Para reviver o casamento, dizem-lhe: "Requer-se que tu despertes tua fé." (Ato 5, cena 3, verso 11.) O convênio do casamento não é apenas uma promessa de fidelidade mútua, mas também uma promessa de confiança mútua nessa fidelidade.

Mas a confiança no cônjuge envolve mais do que apenas a certeza de que ele ou ela é moralmente fiel. Temos também de ter confiança na integridade, inteligência, capacidade e potencial um do outro. Na realidade, uma falta de confiança nas tarefas menos importantes e diárias da vida pode, eventualmente, prejudicar um casamento tanto quanto a falta de confiança na fidelidade. A crítica, a censura e a falta de apoio diários podem enfraquecer o amor, até que não reste nenhuma base de confiança.

Muitas experiências em meu próprio casamento convenceram-me de que os casais precisam criar um elo de confiança. Descobri que a confiança em meu esposo não exige que concordemos em todas as decisões — isso é simplesmente irreal. Significa, contudo, que eu seguramente confio nos esforços e boas intenções dele. Então, quando ocorrem diferenças, a comunicação e o acordo podem acontecer em um clima de boa vontade e amor. Para nós dois, o perdão e a tolerância tornaram-se importantes expressões dessa confiança básica. Em um ambiente assim, apesar dos erros ocasionais de julgamento, nossa confiança continuou grande, nosso amor e compreensão cresceram, e os laços de nosso casamento tornaram-se mais fortes. A confiança que investimos em um no outro proporcionou uma farta colheita.

Confiança no Próprio Casamento

O casamento é um processo; a cerimônia religiosa é apenas o acontecimento que lhe dá início. O casamento é uma vida inteira de esforço conjunto para tornar-se um. Na verdade, geralmente é o próprio esforço que fortalece nossa união e une nossos corações.

Uma experiência de minha infância ajudou-me a entender como as lutas podem fortalecer-nos. Minha família criava perdizes. Eu e meus irmãos, passávamos horas contemplando os ovos na incubadora, esperando para ver as avezinhas saírem da casca. A primeira vez que observamos as aves saírem dos ovos, sentimos pena delas. Parecia demorar muito tempo e ser muito difícil. (Não sabíamos que as perdizes levam de quarenta e oito a setenta e duas horas, somente para saírem de sua casca.) Tivemos receio de

que elas não tivessem força suficiente para realizar a tarefa.

Assim, ajudamo-las um pouco. Quando as aves começaram a nascer, com cuidado e delicadeza quebramos pedaços das cascas — um pedaço aqui e um pedaço ali — para facilitar as coisas para elas. Ficamos assustados, quando as primeiras avezinhas emergiam de suas cascas! Mas, para nosso horror, vimos que todas tinham os pés deformados. Poucos dias depois, elas morreram, incapazes de ficar em pé ou de andar para comer ou beber água.

Ficamos tristes — e sentimo-nos culpados, quando soubemos que nossa ajuda generosa havia causado o problema. O tempo e a energia que as perdizes gastam quebrando a casca do ovo fortalece e desenvolve suas pernas, pés, e o pescoço, de modo que elas estão prontas para correr de um lado para o outro e manter o equilíbrio, quando, finalmente, saem da casca. Nossa tentativa de facilitar as coisas para as avezinhas as destruiu.

O mesmo acontece com o casamento. Enfrentando os desafios, encarando as dificuldades e resolvendo as coisas juntos, ficamos mais perto de nos tornarmos um. Se temos confiança de que o casamento é um processo de unificação, percebemos que os problemas e conflitos inevitáveis que surgem são degraus, e não obstáculos. Nossos problemas podem nos unir mais, ao invés de nos separar.

Confiança no Senhor

Há em todos nós alguma coisa do "homem natural" do qual falou o rei Benjamim (ver Mosiah 3:19). Devido à Queda, estamos todos sujeitos às tentações de Satanás. Quanto mais nos entregamos a essas tentações, mais "(carnais), (sensuais) e (diabólicos)" nos tornamos (ver Mosiah 16:3). Mas o sacrifício expiatório de Cristo nos oferece a oportunidade de renascer como filhos espirituais dele, de ser limpos do pecado, e de receber dele o poder da vida eterna. Sem a sua expiação, estaríamos realmente perdidos para sempre; com ela, podemos herdar tudo o que Deus tem. À medida que aprendemos a respeito do sacrifício expiatório, e à medida que nossa fé no Salvador aumenta, experimentamos os efeitos purificadores do arrependimento e a companhia do Espírito Santo. Nosso senso de auto valor aumenta.

Em Mosiah 4, o rei Benjamim descreve as mudanças que ocorrem em nossa vida, quando baseamos firmemente nossa confiança no poder expiatório do Salvador. Não teremos desejo de injuriar uns aos outros, diz ele, mas de viver em paz. Teremos um relacionamento justo uns com os outros. Não negligenciaremos as necessidades de nossa família; ensinaremos nossos filhos "a andar pelos caminhos da verdade e da moderação; . . . a se amarem mutua-

mente e a servirem uns aos outros” (ver os versículos 11–15). Que melhor alicerce poderíamos ter para um casamento de confiança e amor?

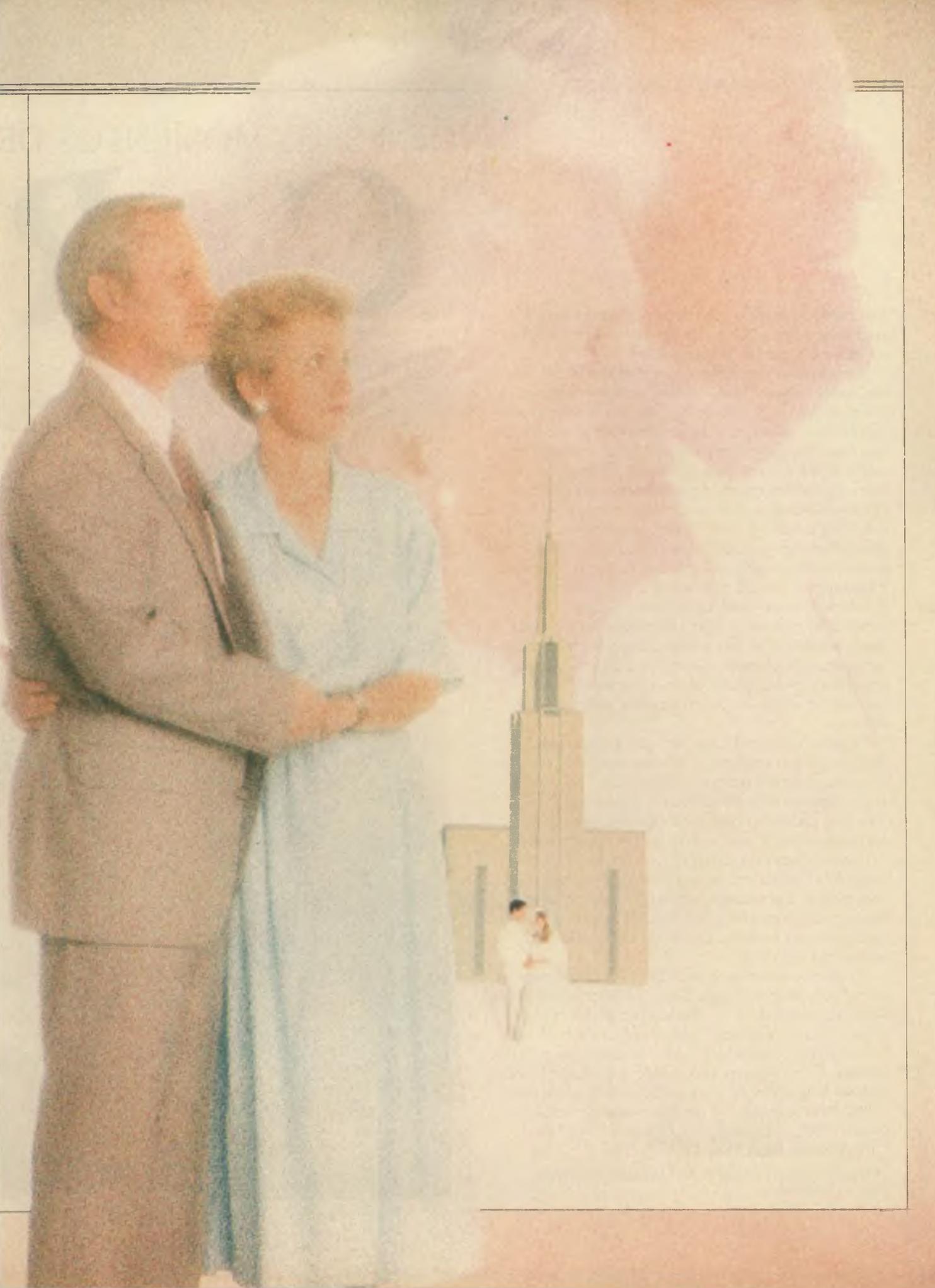
Minha irmã é um exemplo desse conceito. Ela tem doze filhos, o que, por si só, já é um tremendo desafio. Além disso, as grandes responsabilidades de seu marido na igreja e na profissão mantêm-no afastado de casa muitas horas por dia, o que exige que ela assuma grande parte do encargo pelos filhos. Ela sobreviveu aos desafios profissionais de seu marido e às subseqüentes mudanças e preocupações financeiras que, pelos padrões do mundo, poderiam tornar uma mulher amarga e ressentida, pronta a culpar seu marido por toda a infelicidade. Mas ela permaneceu alegre e otimista. Nem uma única vez eu ouvi uma palavra sua de autopiedade ou crítica.

Como você consegue? Perguntei-lhe. Há muito tempo, disse ela, percebeu que a sua felicidade era sua responsabilidade, independente dos esforços de qualquer outra pessoa. Sua força, diz ela, vem de seu testemunho duradouro no Salvador. Sua fé nele permitiu-lhe extrair a felicidade de qualquer coisa que a vida lhe traga.

Desenvolver a Confiança

E se descobrimos que falta confiança em nosso próprio casamento? “Sei que devo confiar nas habilidades e no discernimento de meu cônjuge”, podemos dizer, “mas esses sentimentos simplesmente não existem nele”. Outra pessoa pode responder: “Tento ter uma atitude positiva em relação ao meu casamento,





EM SEUS MOMENTOS DE

C R

mas parece que não posso deixar de ficar ressentida com meu esposo." O que pode ser feito para edificar a confiança, quando há falta dela?

"Fé não é ter um perfeito conhecimento das coisas", disse Alma. "Mas, eis que, se despertardes . . . e exercerdes um pouco de fé, sim, ainda mesmo que não tenhais mais que o *desejo* de acreditar, fazei com que esse *desejo* opere em vós, até acreditardes" (ver Alma 32:21,27; grifo nosso). Essas palavras nos mostram um caminho para desenvolver a confiança — em nós mesmos, em nosso cônjuge e em nosso Salvador. Começamos por ter o desejo de confiar. Depois, alimentamos esse desejo através de nossas ações e palavras — mostrando respeito um ao outro, buscando e seguindo o conselho de nosso cônjuge em relação a decisões, falando positivamente sobre nosso cônjuge para outras pessoas, e apoiando as atividades e interesses um do outro. Em pouco tempo, a semente da confiança que plantamos terá crescido e florescido, produzindo o doce fruto de um casamento feliz. Sei que isso funciona — tentei em meu próprio casamento.

Ligada ao desejo de confiar, está a responsabilidade de ganhar confiança. Se nossas ações e atitudes são sempre dignas e bem intencionadas, não apenas nosso cônjuge estará inclinado a confiar em nós, mas, por causa de nossa autoconfiança crescente, sentiremos uma confiança maior em nosso cônjuge.

Confiando no sacrifício expiatório do Salvador, aprendo a confiar em mim mesma; e confiando em meu marido e em nosso casamento, posso chegar a confiar nas promessas que o Senhor nos fez por intermédio de seus profetas. Como disse o Presidente Spencer W. Kimball:

"Embora o casamento seja difícil, e casamentos com discórdia e frustração sejam comuns, a felicidade duradoura é possível, e o casamento pode ser mais prazeroso do que a mente humana pode conceber. Isso se acha ao alcance de todos os casais, de todas as pessoas. É certo que praticamente todo homem bom ou toda boa mulher podem ter felicidade e um casamento bem sucedido, se ambos tiverem o desejo de pagar o preço." (*Marriage and Divorce*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1976, p. 16.) □

Christie H. Frandsen é membro da Ala La Canadá Um, Estaca La Crescenta Califórnia.



Derek Smith

I S E

Centenenas de crises acontecem todos os dias. Ouvimos a respeito delas no rádio, vêmo-las na televisão e as observamos entre nossos amigos e vizinhos. Resolver as crises pode parecer fácil — especialmente se uma outra pessoa passa por elas. Mas, quando os problemas são nossos, torna-se muito mais difícil resolvê-los.

Com relação às minhas próprias dificuldades, e quando outras pessoas que estão atravessando dificuldades me pedem conselho, descobri que ajuda muito entender alguns conceitos específicos. A compreensão desses conceitos não diminuirá nossa dor ou sofrimento, nem afastará as provações, mas pode fortalecer-nos.

FELICIDADE NESTA VIDA

O primeiro conceito que precisamos entender, a fim de sobrevivermos às provações, é que o Senhor quer que sejamos felizes nesta vida e também na vida futura. Léhi lembrou a seus filhos, depois de anos de dificuldades no deserto e no oceano, que “Adão caiu para que os homens existissem; e os homens existem para que tenham alegria”. (2 Néfi 2:25.)

Joseph Smith, que passou por muitas dificuldades, escreveu que “a felicidade é o objetivo da nossa existência; e também será o fim, caso sigamos o caminho que nos leva a ela; e esse rumo é a virtude, retidão, fidelidade, santidade e obediência a todos os mandamentos de Deus”. (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, compilado por Joseph Fielding Smith, p. 249.)

Embora nesta vida passemos por tristezas, injustiças e infelicidade, o Senhor não espera que atravessemos a vida passivamente, submetendo-nos a condições que nos trazem infortúnio. Temos de entender que o evangelho tem o poder de trazer alegria a nossa vida agora, não apenas na vida futura.

TEMOS DE SER PROVADOS

O segundo conceito que precisamos entender é que as provações e testes são uma parte essencial do plano de salvação. Ajudam-nos a nos prepararmos para a exaltação na eternidade. Exatamente como

José do Egito, Moisés, Jó, Joseph Smith, e mesmo o próprio Salvador foram provados e testados, nós, também, temos de ser testados. A força espiritual e a maturidade surgem quando vencemos a oposição. (Ver 2 Néfi 2:11–29.) É como disse Orson F. Whitney:

“Nenhuma dor que soframos, nenhuma provação que passemos é vã. Ela concorre para nossa instrução, para o desenvolvimento de qualidades como a paciência, fé, coragem e humildade. Tudo quanto sofreremos e tudo quanto suportamos, especialmente quando suportamos pacientemente, edifica nosso caráter, purifica nosso coração, amplia nossa alma, e nos torna mais ternos e caridosos, mais dignos de sermos chamados filhos de Deus. E é através da tristeza, do trabalho duro e da tribulação, que obtemos a instrução que viemos adquirir aqui e que nos tornará mais semelhantes ao nosso Pai e à nossa Mãe Celestial.” (De acordo com citação de Spencer W. Kimball, in *Faith Precedes the Miracle*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1972, p. 98.)

Há algum tempo, participando de uma série de conferências, notei que uma das outras conferencistas assistira à minha palestra sobre adversidade por três dias consecutivos. Depois da terceira conferência, ela me disse: “Estou preocupada, porque nunca tive uma provação ou teste real na vida. É quase assustador pensar nisso.”

Conversamos por algum tempo a respeito de não termos controle sobre quando as provações surgem, apenas sobre a maneira como reagimos a elas. Eu disse que não precisamos buscar as provações; durante nosso período de vida, teremos nossa quota delas. E embora nos tenha sido assegurado que o Senhor não exigirá de nós mais do que somos capazes de suportar (ver I Coríntios 10:13), precisamos preparar-nos, obtendo um bom entendimento do plano do Senhor e desenvolvendo a fé que nos pode ajudar a enfrentar nossas crises.

Essa boa mulher mal sabia que logo estaria enfrentando uma grande provação. Apenas alguns meses depois, ela e seu marido estavam ao lado de um pequeno caixão contendo o corpo de seu único filho. Enquanto seus amigos lamentavam o falecimento da criança, morta em um acidente inesperado na fa-



zenda, era essa mulher que os consolava. Ela e o marido lamentavam-se, mas não culpavam Deus ou outras pessoas, nem reagiam com amargura. Ao contrário, mostravam uma força serena vinda do Espírito.

ENFRENTAR AS CRISES EFICAZMENTE

O terceiro conceito que temos de entender relaciona-se com a experiência dessa mulher. Seremos capazes de enfrentar crises de maneira mais eficaz, se edificarmos um forte e seguro testemunho de Jesus Cristo e do evangelho restaurado. Élder Marion D. Hanks, do Primeiro Quorum dos Setenta, escreveu: "Não evitaremos totalmente as tribulações e provações, separações e tristezas, sofrimentos e dificuldades. Mas, através da fé, da compreensão e da coragem, podemos realmente "prosperar" no Espírito do Senhor." (*Messages of Inspiration*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1957, p. 319.)

Se edificarmos o testemunho sobre a rocha do evangelho, podemos ter a certeza de que as crises nos ajudarão, ao invés de deter nosso crescimento.

DETERMINAR AS CAUSAS

Um quarto conceito que devemos entender é que muitas pessoas sofrem sem necessidade, porque não identificaram as verdadeiras razões de suas crises. Algumas pessoas sentem erroneamente que todos os seus problemas resultam de pecados cometidos. Outras colocam a culpa em Deus e se afastam dele com amargura. Portanto antes de podermos enfrentar as tribulações de maneira eficiente, temos de determinar suas causas.

A maioria das crises se encaixa em uma destas cinco categorias: (1) calamidades naturais; (2) doença e dor; (3) erros de outras pessoas; (4) nosso próprio pecado e fraqueza; e (5) testes e provações ordenados por Deus. Nem sempre podemos separar ou identificar as causas das crises. Mas, reconhecer que elas talvez tenham ocorrido conosco por razões

acima de nosso controle, pode abrandar nossos sentimentos de culpa e encorajar-nos a buscar Deus para obter ajuda.

Muitas crises ocorrem conosco em decorrência do fato de vivermos em um mundo onde os acidentes acontecem e onde as leis físicas operam. É um erro terrível pensar que todos, ou mesmo muitos dos terremotos, enchentes, furacões, tornados, ou as outras catástrofes naturais resultaram dos pecados das vítimas.

As doenças, também afligem todas as pessoas. É um grande erro culpar Deus por todas as doenças, assim como é um erro culpá-lo por todas as catástrofes naturais. É verdade que algumas doenças podem ser decorrentes de atividades pecaminosas, mas a maioria das pessoas fica doente só porque o corpo mortal está sujeito à dor, à doença, e à morte.

Em outras ocasiões nosso infortúnio é decorrente das ações de outras pessoas. Podemos ser feridos por um motorista bêbado, vitimados por um criminoso, ou sofrer o abuso dos poderosos. O Salvador ensinou que o inocente seria escandalizado (ver Mateus 18:6-7), mas também nos ensinou a não revidar o mal (ver Mateus 5:38-44). Ao contrário, precisamos ser como José, filho de Jacó. Mesmo tendo sido vendido como escravo por irmãos invejosos, ele ainda os amava e lhes perdoou. De bom grado, aceitou sua situação e seguiu sua vida, e, muitos anos depois, entendeu como o mal que lhe havia sido feito, ajudou-o a levar adiante os propósitos do Senhor. Ele pode também ter entendido que um coração amargo, que não perdoa, pode, eventualmente, nos magoar mais que a ofensa original.

Embora freqüentemente soframos por razões que não foram causadas por nós, há momentos em que a tristeza que sentimos é consequência de nossos próprios erros e de nossos próprios pecados. Se o infortúnio que soframos é consequência de nossos pecados, há escolhas que podemos fazer para restaurar nossa felicidade. Podemos nos arrepender. A racionalização, a auto-justificação e a revolta poderiam temporariamente trazer-nos sentimentos de alívio e sucesso,

As doenças atingem tanto os inocentes como os

culpados. Há ocasiões em que o infortúnio pode sobrevir por meio de outros.

Podemos ser vítimas de motoristas bêbados ou de criminosos. Culpar a Deus

por esses sofrimentos é uma terrível injustiça.

mas não oferecem a cura. Nós só a encontramos ao nos aproximarmos de Cristo com o coração quebrantado e o espírito contrito, buscando o perdão.

PODEMOS ENCONTRAR AJUDA

O conceito final é talvez o mais importante: precisamos compreender que podemos encontrar ajuda e que precisamos buscá-la. Poucos de nós, se é que algum de nós o faz, somos capazes de enfrentar uma crise grave sem ajuda. Quando enfrentamos crises, precisamos saber que o Senhor nos fortalecerá e guiará, se nos aproximarmos dele. Esse é, afinal, um dos temas básicos das escrituras.

Certa vez, tive uma experiência que me ensinou a importância de nos dirigirmos ao Senhor em busca de ajuda. Foi em janeiro de 1952, durante o conflito na Coreia. Meu batalhão estivera num tiroteio durante muitas horas. Por fim, houve um intervalo, e nos deitamos em nossos abrigos para descansar um pouco. Logo adormeci profundamente.

A próxima coisa de que me lembro é um funcionário do correio parado perto de mim, colocando em minha mão uma carta de meu bispo. Fiquei sabendo que meu pai havia sofrido uma cirurgia, e que ele estava com câncer em todo o abdome. Ninguém esperava que vivesse mais de duas semanas. O bispo me dizia que haviam tomado providências para que eu voltasse para casa e me instruía a entrar em contato com a Cruz Vermelha.

Levei a carta a um representante da Cruz Vermelha, que reconheceu a gravidade das condições de meu pai. Mas, quando eles fizeram contato, meu pai já havia falecido. Fui informado então que, por ter ele falecido, não havia razão para eu voltar para casa.

Quando voltei à minha unidade, eles estavam em meio a um outro tiroteio. Eu me sentia nervoso, amargo e profundamente magoado. Sentindo-me desesperado, arrastei-me até um pequeno bosque e caí de joelhos. Implorei ao Senhor que me libertasse desses terríveis sentimentos. Logo meu peito se encheu

da maior paz que já senti. Levantei-me e tive certeza de que tudo estava bem.

Como essa experiência me ajudou vinte anos depois, quando minha mulher e eu estávamos do lado de fora de uma sala de emergência em nossa cidade natal! Havíamos esperado durante horas, enquanto vários médicos examinavam nossa filha de dezesseis anos. Ela havia sofrido um acidente de carro e fora seriamente ferida. Nosso bispo e sua esposa juntaram-se a nós, assim como o presidente da estaca e sua esposa.

Quando o médico saiu da sala de raio X, sua voz ficou embargada, quando nos contou que a coluna vertebral de nossa filha havia sido atingida e que ela nunca mais andaria. Minha amada esposa e eu nos abraçamos, enquanto ela chorava: "Oh, não, não, não!" Nossos amigos choraram conosco.

Mais tarde, quando voltávamos para casa, perguntávamo-nos como dar a notícia à nossa filha. Perguntávamo-nos, também, se teria sido melhor que nosso Pai Celestial a tirasse desta vida. Algumas horas depois, voltamos ao hospital. Ao me curvar para explicar a situação à nossa filha, não pude conter as lágrimas.

Ela abriu os olhos, estendeu os braços, e exclamou: "Não chore, papai. Olhe, tenho meus braços, tenho meu coração, tenho minha mente, e tenho toda a eternidade para correr."

Que grande bênção é ser membro da Igreja de Cristo. As escrituras e o evangelho dão a percepção e a ajuda de que precisamos para enfrentar as crises. Temos líderes que nos apóiam e abençoam emocional, temporal e espiritualmente. Acima de tudo, nosso Pai Celestial nos dá confiança e conforto por intermédio do Espírito Santo. Foi ele que nos amou tanto, que permitiu que seu Filho Unigênito sofresse até a morte por nossos pecados, e que pudéssemos voltar à sua presença. (Ver João 3:14-17.) Podemos confiar em Deus e em seu Filho para nos ajudar. □

A. LaVar Thornock é chefe do departamento de religião da Universidade Brigham Young-Havai.

Embora nesta vida se

experimente sofrimento, injustiça e infelicidade, o

Senhor não espera que nos submetamos às

condições que nos tragam infortúnios.

“APASCENTA AS MINHAS OVELHAS”

Objetivo: Ajudar as irmãs a compreenderem a importância de fazer amizade.

Após sua ressurreição, o Salvador comeu com seus apóstolos nas praias do Mar da Galiléia. Quando a refeição terminou, Jesus perguntou a Pedro: “Amas-me?” (João 21:15.)

Três vezes o Salvador perguntou a Pedro se ele o amava. E a cada vez que Pedro declarou o seu amor, o Salvador disse: “Apascenta os meus cordeiros”, ou “Apascenta as minhas ovelhas” (versículos 15–17).

Essas palavras deveriam estar gravadas profundamente em nosso coração. Como Pedro aprendeu, “apascentar” as “ovelhas” do Senhor é nossa obrigação sagrada, nossa missão divina.

Barbara W. Winder, presidente-geral da Sociedade de Socorro, conta a respeito de uma irmã que tinha uma amiga cuja mãe falecera. Sem ter certeza de como ajudar sua amiga enlutada, a mulher perguntou ao Senhor o que deveria fazer. A resposta foi: “Simplesmente vá.”

Sua chegada confortou a amiga, e elas oraram juntas. A irmã enlutada posteriormente disse que realmente apreciara o que sua amiga trouxera — a paz de que necessitava. (Ver “Combater Juntamente: Transformar Nossa Crença em Ação”, *A Liahona*, janeiro de 1985, p. 101.)

Todas nós temos fardos. Algumas enfrentam devastadores problemas familiares ou pessoais, outras enfrentam doenças, deficiências, ou insegurança financeira. Muitas estão sozinhas. Algumas podem sentir-se sobrecarregadas pelas exigências dos filhos pequenos; outras, sem marido ou filhos, podem sentir-se como se sua vida não tivesse propósito.

Temos o mandamento de “carregar mutuamente o peso de (nossas) cargas, para que sejam aliviadas” (Mosiah 18:8). Na verdade, levar a carga de uma

outra pessoa pode muitas vezes ajudar a tirar um pouco do peso que levamos em nossas próprias costas e a fazer-nos ver as provações sob outra perspectiva.

Wendy e James ficaram arrasados, quando seu primeiro filho nasceu com síndrome de Down (mongolismo). Questionando sua crença em um Pai Celestial amoroso e temendo a rejeição das outras pessoas, afastaram-se da igreja e das atividades sociais, e por fim seu casamento entrou em crise.

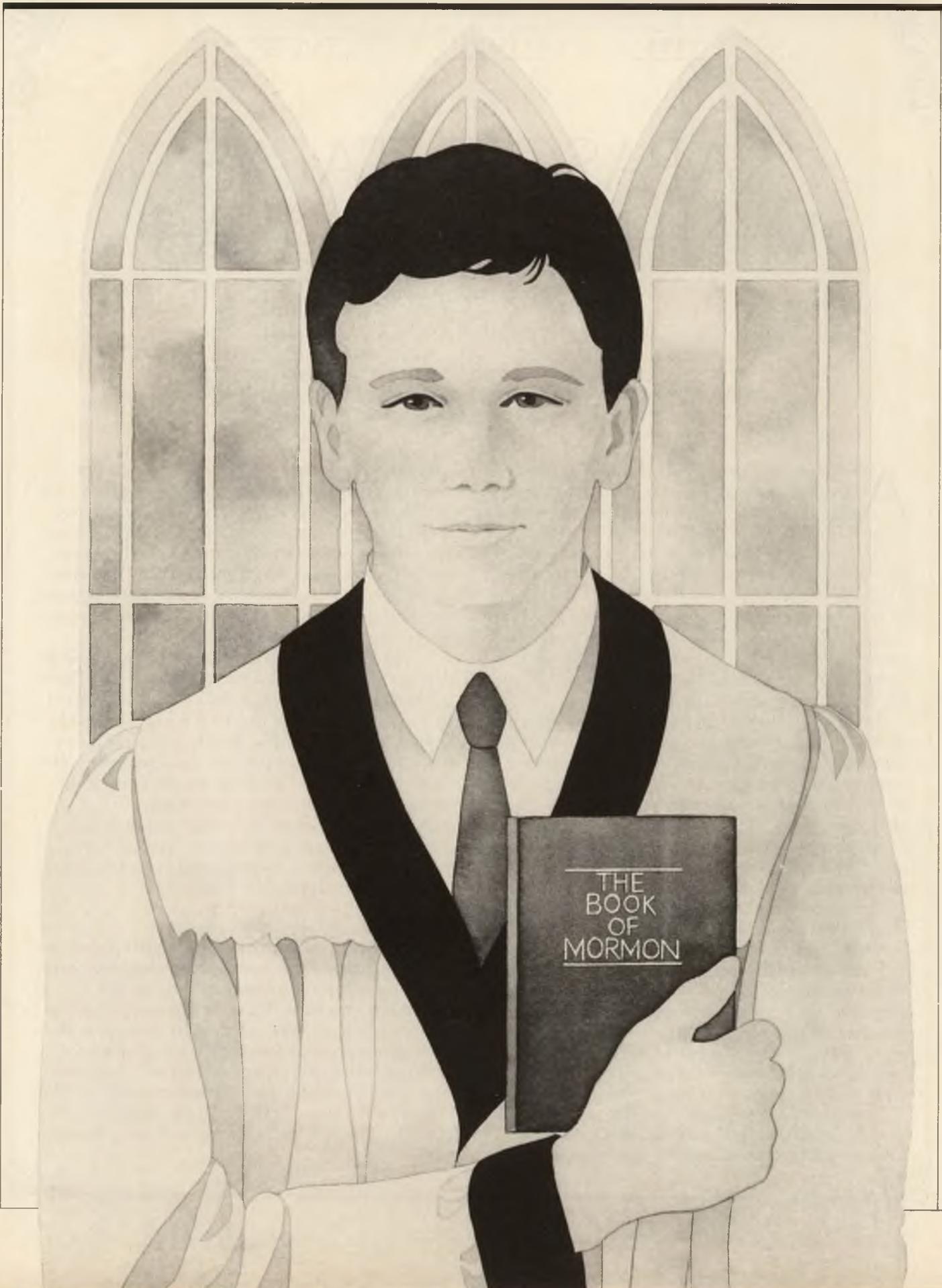
A vida de Wendy estava em sua pior fase, quando Margaret se mudou para a casa ao lado da sua. Devagar, Margaret, que havia perdido um filho alguns anos antes, conseguiu entender o coração magoado de sua vizinha. Ela ajudou Wendy a adquirir a confiança de que precisava para sair do desespero, voltar a ser totalmente ativa na igreja e a dar tanto ao marido quanto ao filho, amor e aceitação.

Quando damos amor, nossa capacidade de dar mais amor aumenta, à medida que “apascentamos” as “ovelhas” do Senhor, banqueteamo-nos ainda mais com o alimento da paz e da alegria. □

Sugestões para as Professoras Visitantes:

1. Debata algumas maneiras pelas quais podemos aprender a observar melhor as necessidades de outras pessoas e como podemos ter tempo de ajudá-las.

2. Relate uma experiência em que você ajudou a carregar o fardo de uma outra pessoa ou em que alguém aliviou o seu fardo, ou peça à irmã que você visita que relate uma experiência assim. Como essa preocupação ajudou todas as pessoas envolvidas? (Ver o Livro de Recursos para a Noite Familiar, pp. 98–101, 106–108, 112–116, para consulta de materiais correlatos.)



SEREI MINISTRO

Pensei comigo mesmo: "O que é um mórmon?"
Pesquisei muitas religiões, mas
nunca ouvi falar desta.

Q Robin K. Beggs
fiz um

Quando era aluno da escola secundária, coloquei-me orgulhosamente à frente da congregação Metodista e discursi intitulado "Satisfazer as Exigências da Vida". Após o serviço religioso, os membros da igreja cumprimentaram-me, incentivando-me em meus futuros esforços religiosos. Mais tarde, naquele dia, caminhando calmamente ao ar fresco do outono, pensei comigo mesmo: "Talvez eu deva ser ministro."

Não era a primeira vez que eu havia falado para uma congregação, nem seria a última. Meus interesses religiosos começaram muito cedo, e tornaram-se uma obsessão por causa do pânico que eu sentia diante da perspectiva do dia do julgamento. Na introdução de um trabalho escolar sobre o clero, escrevi: "No final de meu primeiro ano no colégio, comecei a pensar no clero como uma profissão." Eu estava naquela época ante-vendo vários anos na faculdade e no seminário teológico.

No colégio, saía-me bem no trabalho em classe e nos esportes, jogando no time de futebol da escola. Tocava na banda escolar, e fui eleito presidente dos estudantes. Mas algumas mudanças dramáticas deveriam acontecer na minha vida. As seguintes afirmações de meu diário contam a história.

Curso Secundário, Último Ano — Ao pesquisar várias igrejas para aprender mais sobre o cristianismo, descobri que algumas igrejas não exigem

períodos extremamente longos de escolaridade, para que a pessoa se qualifique como ministro. Acabei de visitar uma faculdade de teologia, e soube que posso ser ordenado ministro em quatro anos. Depois de dois anos, posso ser designado ministro de minha própria igreja. Decidi que irei para a faculdade de teologia no próximo ano, quando me graduar na escola secundária, embora isso vá significar a desistência de uma bolsa de estudos para uma outra faculdade. As aulas parecem interessantes, mas sinto que alguma coisa está faltando na faculdade. Alguma coisa parece estar faltando em minha vida pessoal também. Quanto tempo demorará para que eu encontre paz interior?

Perto da Formatura — A religião está ficando menos importante em minha vida. Não tenho mais certeza do que quero fazer. Bem dentro de mim, sinto-me culpado de alguma coisa. Fico decepcionado comigo mesmo quando erro. Contudo, ainda tomo uma bebida ou fumo um cigarro de vez em quando. Depois de meu primeiro drinque, meus amigos da escola ficaram mais preocupados em relação a quanto isso iria afetar meu desempenho no futebol do que em relação a quanto isso iria afetar minhas metas religiosas.

Mudança de Planos — Acabei de receber uma bolsa de estudos para jogar futebol em Dodge City, a apenas alguns quilômetros de minha casa. Não quero ir para uma faculdade tão perto de casa, mas esta bolsa ajudará a pagar meus estudos. Desisti de uma bolsa de estudos antes, quando estava planejando tornar-me ministro. Esses planos vão

esperar.

Férias — Estou trabalhando no Centro de Recreação de Dodge City e jogando no time de beisebol local. É comum para mim trabalhar o dia todo, viajar com o time de beisebol para um jogo, voltar às 2 horas da madrugada e levantar-me às 7 horas para ir trabalhar.

O Que Está Errado — Este verão tem sido diferente. Não tenho ido muito à igreja. Leio muito e escrevo demais. Mas parece que falta alguma coisa na religião. Talvez esteja faltando alguma coisa em mim também.

A Bíblia — Ainda penso na idéia de estudar na faculdade de teologia, porque posso ser ministro de minha própria igreja muito rapidamente. Comentei certa vez, na Escola Dominical, que precisamos voltar a pregar a Bíblia. Mas um homem argumentou que os ministros devem voltar-se para preocupações mais modernas e usar interpretações atualizadas da Bíblia. Suas observações aumentaram minha confusão — os líderes religiosos que conheço têm opiniões diferentes sobre o significado da Bíblia e o seu papel nos tempos modernos.

Começa a Faculdade — Ainda oro algumas vezes. Em algumas dessas vezes disse: "Mostrame o caminho, Senhor, se houver um caminho para mim."

Fim do Semestre — Meu primeiro semestre na faculdade terminou e estou na lista de honra dos melhores alunos. Na noite passada, deitei-me e fiquei pensando que, na realidade, devotei pouco tempo aos estudos. Ri para mim mesmo e pensei: "Fiz tudo isso sem Deus."

Uma Jovem Mórmon — Conheci uma jovem mórmon, Janet, na outra noite. Pensei comigo mesmo: "O que é um mórmon?" Pesquisei muitas religiões, mas nunca ouvi falar desta.

O Livro de Mórmon — Passei o fim-de-semana com minha família. Perguntei a minha mãe se ela sabia alguma coisa sobre os mórmons. Disse-me que deveria haver um panfleto na estante. Ela o encontrou, juntamente com um velho livro de capa dura. Estou lendo-o agora — o Livro de Mórmon. Minha mãe disse que era uma Bíblia dos mórmons.

Depois do Encontro — Janet é a primeira com quem tenho saído com certa regularidade durante pelo menos seis meses. Esta noite, depois de nosso encontro, estávamos conversando e surgiu o assunto de religião. Contei-lhe a respeito de meus planos indefinidos em relação ao ministério e acrescentei: — Há alguma coisa errada em todas



as igrejas.

Confiante, ela respondeu: — Não na minha.

— Ah, está certo. Fale-me sobre ela — respondi. Ela não é a primeira a ter desejado que eu me interessasse por uma determinada igreja. Mas ela, com certeza, tem uma chama de pureza, um brilho nos olhos.

Contei-lhe que estive estudando o Livro de Mórmon, e ela sugeriu que eu falasse com os élderes. Respondi que gostaria de fazer isso algum dia.

Na Segunda-Feira Seguinte — A coisa mais estranha aconteceu nesta noite. Trabalho todas as noites no centro de recreação, mas hoje, quando cheguei, o sr. Braddock me disse que eles não iriam precisar de mim nesta noite. Não tinha vontade de estudar e, assim, telefonei a Janet para marcar um encontro; ela me disse, que fosse até a casa dela. Os élderes deveriam ir também. A reunião com eles já estava marcada antes que eu lhe telefonasse. Definitivamente em qualquer outra noite da segunda-feira, eu teria precisado trabalhar.

A Reunião — Enquanto esperava pelos élderes na casa de Janet, imaginava que dois homens de barba grisalha e talvez usando chapéu preto batesses à porta. Fiquei surpreso quando vi que, afinal, os élderes eram dois jovens praticamente da minha idade. Aprender com eles foi uma experiência espiritual para mim.

Minha Entrevista — Fui entrevistado para o batismo nesta noite. Trouxe uma declaração assinada por meu pai para os élderes, dando a sua aprova-

A

s palestras

foram como a retirada de um véu. O
evangelho contém muitos
ensinamentos nos quais, no decorrer
dos anos, passei a acreditar.

ção para o meu batismo. Ele conhecia alguns santos dos últimos dias. Disse que as pessoas têm de ser missionários quando se filiam à igreja. Eu disse ao líder do distrito que as palestras foram como a retirada de um véu, como se eu tivesse ouvido a história antes. O evangelho contém muitos ensinamentos nos quais passei a acreditar no decorrer dos anos, como a imagem literal, tangível, de um Pai Celestial preocupado conosco. Recebi as palestras missionárias tão rapidamente, que tive de esperar até a data designada para o meu batismo.

27 de Abril — Fui batizado nesta noite. Minha família assistiu à reunião, como muitos dos membros do ramo. Foi o sentimento mais cristalino que conheci em toda a minha vida. A atitude calorosa, amigável dos membros, ainda é uma das coisas surpreendentes em relação a esta igreja.

Poucos Ouvirão — Pensei nos muitos amigos que certamente se filiarão à igreja agora. Eles só precisariam aprender sobre ela, como eu o fiz. Não é assim. Sei que muitos dos meus amigos me respeitam muito por meus elevados padrões, mas em relação a outros, pergunto-me, como o fez o Apóstolo Paulo: "Fiz-me acaso vosso inimigo, dizendo a verdade?" (Gálatas 4:16).

Reunião Sacramental — Minha família assistiu à reunião sacramental do ramo hoje. Fui com os élderes até a casa de meus pais para uma palestra missionária. Depois da primeira palestra, o élder Johnson tentou marcar uma hora para voltar e ensinar minha família.

"Que tal agora mesmo?" perguntou a minha mãe. E assim, a segunda palestra foi dada. Meu pai teve então de sair para realizar algumas tarefas na fazenda. Minha mãe rapidamente preparou uma refeição e, uma hora depois, meu pai voltou e comeu, e a terceira palestra foi dada. Três em uma noite!

27 de Julho — Nesta noite, batizei minha família. Três meses se passaram desde o dia em que me filiei à igreja. Nossa família finalmente está unida. Quando levantei minha mãe para que saísse da água, ela me abraçou e derramou lágrimas de alegria. Recebemos as maiores bênçãos da vida.

Um Chamado Missionário — Sinto-me tão emocionado! Cheguei das aulas hoje e encontrei uma carta da Primeira Presidência. Abrindo-a rapidamente, descobri que irei para a Califórnia. Chorei de alegria. Sentindo-me tão insignificante aos olhos do Senhor, perguntei: "Por que eu?" As bênçãos de Deus parecem inacreditáveis. Dentro de uma semana sairei em missão para servir ao Senhor. Serei um ministro.

Selamento no Templo — Hoje fui selado a meu pai e a minha mãe para o tempo e toda eternidade.

Casamento no Templo — Janet e eu nos casamos esta manhã, no Templo de Lago Salgado. Agradeço ao Senhor por uma jovem viver o evangelho de maneira tão completa, que me fez descobrir uma diferença notável e atraente entre ela e outros jovens, levando-me, assim, ao evangelho. Incentivei meus outros irmãos e irmãs mais jovens a fazerem o mesmo. O evangelho funciona. □

O MOLDE

Élder J. Thomas Fyans
do Primeiro Quorum dos Setenta

Trabalhando na loja de ferragens de meu pai quando era menino, recebi uma pequena barra de aço com três buracos, para usar como molde. Cuidadosamente comecei a fazer os três furos em várias barras inteiras. Ansioso por agradar a meu pai, fiz cada furo com exatidão. Ele foi inspecionar meu trabalho, medindo os furos. Olhando para mim um tanto perplexo, disse: "Filho, estes furos não estão tão precisos quanto deveriam estar. Mostre-me o que está fazendo." Pegando uma barra inteira de aço, coloquei-a debaixo de uma outra barra na qual já havia feito três furos, fazendo os furos casarem com precisão. Naquele momento, meu pai disse: "Filho, sei onde está o problema. Você tem de fazer os furos sempre com o molde original que lhe dei."

Mesmo sendo o mais cuidadoso possível, a menos que eu usasse o molde original dado por meu pai, os furos tornavam-se um pouco mais distorcidos a cada vez que um molde diferente era usado.

O Salvador fala de um molde original, um padrão eterno, preparado com amor, que dá as instruções sobre como voltar para nosso Pai Celestial. Em suas próprias palavras, o Salvador disse: "O Livro de Mórmon . . . contém a verdade e a palavra de Deus — a qual é a minha palavra" (D&C 19:26–27). O Senhor, falando em revelação direta às Três Testemunhas do Livro de Mórmon, disse: "Assim como vive o vosso Senhor e vosso Deus, a tradução é verdadeira" (D&C 17:6). Este molde original é uma dádiva de um Pai Celestial muito amoroso por intermédio de seu Filho, Jesus Cristo, a seus filhos, para que eles possam saber como voltar a ele.

As leis físicas, como a lei da gravidade, nunca mudam; mas nós mudamos a nossa definição delas, à medida que a comunidade científica aprende mais a respeito de seu funcionamento. As leis espirituais também não mudam nunca, e vivemos

nossa vida de acordo com o nível de entendimento que temos dessas verdades. Espera-se que, à medida que lemos ou ouvimos uma verdade do Livro de Mórmon e de outras fontes, ela estimule nossa mente, a ponto de desejarmos fazer daquela verdade uma parte de nossa vida. Com o tempo, como descrito em Alma 32, partilhamos do fruto prometido e sentimos o amor de Deus. Então sabemos que aquele é um princípio verdadeiro, que se tornou parte de nosso ser.

Se mudamos nossa vida para ajustá-la ao molde original, estamos colhendo as bênçãos que Doutrina e Convênios nos diz estarem irrevogavelmente decretadas. (Ver D&C 130:20–21.) O homem pode tentar escrever o seu próprio código de ação; mas o molde original, com suas leis eternas e bênçãos subseqüentes, nunca mudará. Até que nos moldemos a essas verdades eternas, nossa vida colherá os efeitos, exatamente como fazemos, quando ignoramos as leis físicas não comendo ou não dormindo.

Prometo-vos que, a cada vez que estudardes o Livro de Mórmon, vos aprenderdes alguma coisa, e provavelmente o que aprenderdes se relacionará diretamente com os desafios que estiverdes enfrentando no momento. Convido-vos a abrir a mente e o coração. Deixai que o Espírito se comunique convosco, e vos ensine. O Salvador veio ao mundo por uma das mesmas razões pelas quais estamos aqui: para aprender. Ele aprendeu e venceu da mesma forma que nós o fazemos, linha sobre linha, preceito sobre preceito. E seu evangelho nos é dado em seu testamento, o Livro de Mórmon. □

Espera-se que à medida que lemos ou ouvimos uma verdade do Livro de Mórmon sejamos estimulados a aceitar aquela verdade como parte de nossa vida.



Teri Jenks No clima quente e tropical do Rio de Janeiro, Brasil, uma manhã de sábado fria e chuvosa era uma coisa rara. Contudo, isto não abateu o espírito dos jovens. Eles chegaram de suas várias alas, apesar da chuva. "Quem será o vencedor neste mês?" era a pergunta que estava na mente de todos, ao chegarem para a atividade do supersábado na Estaca Rio de Janeiro Niterói. A competição entre as alas, que durava um ano, estava na metade, e as equipes encontravam-se emparelhadas.

Pairavam no ar frio a expectativa e a agitação, quando as atividades do dia começaram. Quando todos estavam sentados e divididos por equipes, o coordenador do seminário, Ramiro Martins, deu as boas-vindas aos jovens para começar a atividade. Com um brilho nos olhos, ele provocantemente lembrava-os da caixa dos chocolates brasileiros preferidos que esperavam os vencedores da competição. Então, em tom sério incentivou-os a viverem uma vida cristã e a dedicarem-se ao Senhor. "A juventude é a esperança de Israel", disse ele, olhando para os jovens de olhos escuros e pele morena. "Vocês são filhos de Deus com um grande propósito aqui. Vamos começar hoje a viver da maneira correta, com mais determinação." Aí a competição começou.

Como o Velho Testamento era a escritura do Seminário para 1988, cada ala tinha uma equipe com o nome de uma das Doze Tribos de Israel. Como as tribos, os jovens juntaram seus talentos individuais na esperança de formarem a equipe vencedora. A tribo de Judá era a Ala Fonseca, José era a Ala de Niterói, e a Ala de Alcântara era Manassés. A Ala

Barro Vermelho recebeu o nome de Efraim, a Ala São Gonçalo era a tribo de Levi e Ala Friburgo recebeu o nome de Benjamim. Foram conferidos pontos de acordo com o número de jogos vencidos, o número de participantes que levaram as escrituras, o número de amigos não-membros presentes e a frequência.

Um retroprojeto serviu como quadro para a "Batalha Naval", o primeiro jogo do dia. Dez navios estavam escondidos na tela, e com o número suficiente de acertos, o navio poderia "afundar". A cada resposta correta a uma pergunta sobre as escrituras, as equipes revezavam-se na tentativa de achar um navio. O jogo tornou-se uma corrida, com as equipes alternadamente descobrindo e afundando navios. No final, foi a tribo de Judá, cujos esforços coletivos afundaram o número maior de navios, que venceu a competição.

Depois veio a busca de escrituras, para testar a velocidade e precisão dos alunos do seminário em encontrar escrituras do Velho Testamento. Houve rodadas individuais e de equipe, e uma rodada extra, para que os amigos não-membros exercitassem seu conhecimento das escrituras. A tribo de José provou que era formada por conhecedores desse jogo, vencendo tanto as rodadas individuais como as de equipe. As horas de prática e dedicação nas aulas do seminário foram responsáveis por isso.

"Gosto de ir ao seminário, porque tenho a oportunidade de aprender mais sobre as escrituras", disse Sérgio Teixeira Simões, que foi um líder na equipe vencedora. Patrícia Ribeiro Amim, a orgulhosa vencedora da rodada individual, ansiosa-

É SUPER-
SÁBADO
NO

mente compartilhou o segredo de seu sucesso: frequência regular ao seminário e treino na busca de escrituras com sua família.

"No supersábado mensal, os jovens participam de várias atividades", disse Iclea Couto Megre, professora do seminário da Ala Niterói. "Todos os meses são dadas novas metas aos jovens para a competição e, a cada meta atingida, são atribuídos pontos que levam ao total no fim do ano", disse ela. Na atividade de maio, os jovens aprenderam a usar a biblioteca de história da família. Para a atividade seguinte, cada equipe foi desafiada a conseguir cem nomes para as ordenanças do templo. A tribo de Judá aceitou o desafio e dobrou-o, trazendo duzentos nomes para a atividade, ganhando pontos suficientes para colocá-la em primeiro lugar, e levar para casa o troféu referente ao mês.

Uma vez que apenas quatro por cento da população do Rio de Janeiro é constituída de membros da igreja, há muitas oportunidades de partilhar o evangelho. Levar amigos para o supersábado foi especialmente compensador, uma vez que foram dados pontos para as equipes com amigos não-membros. Christiane Cardoso, da Ala Fonseca, gosta de convidar seus amigos para as atividades. "Faz-me sentir bem conseguir compartilhar o evangelho com outras pessoas", disse ela, com o cabelo castanho emoldurando os belos olhos e largo sorriso.

Os colegas de escola de Sérgio frequentemente perguntam sobre a religião dele, porque sabem que seus padrões são diferentes dos deles. "Respondendo às perguntas deles sobre as crenças que tenho", disse Sérgio, com uma voz segura que reflete o seu firme testemunho. "Convido-os

para irem à igreja aos domingos e para as atividades. Alguns vão e outros não", disse ele, encolhendo os ombros. Desde o seu batismo, há dois anos e meio, Sérgio ajudou os missionários a ensinar e batizarem três de seus amigos.

Depois de um bom almoço, preparado pelo Rapazes e pelas Moças, os jovens podem praticar esportes à tarde ou participar de um baile à noite. Todos jogam voleibol e basquete, mas o esporte preferido dos brasileiros é o futebol. O espírito de equipe que eles usaram durante os jogos com escrituras está presente no futebol, à medida que eles conduzem a bola pela quadra para marcar gols. Quando as atividades do dia terminam, os jovens voltam para casa, às vezes com os músculos doloridos, mas sempre com o espírito renovado e esperando ansiosamente pelo próximo supersábado.

"Ajudar a unir os jovens e mostrar-lhes que existem outras pessoas com os mesmos objetivos são as razões principais para as atividades dos jovens", disse Ramiro. Uma das melhores atividades é a conferência anual dos jovens, realizada durante as festas do carnaval brasileiro, e contrastando com essa festa — um período de quatro dias de festividades e divertimento mundanos, em que o ambiente nem sempre é sadio.

Os jovens da igreja vão para uma fazenda ou cidade próxima, onde há pouca ou nenhuma atividade carnavalesca. Os quatro dias são preenchidos com esportes, jogos, bailes e reuniões edificantes. "As conferências de jovens são uma boa alternativa para o carnaval", disse Carlos Eduardo Pas. "Conheço novos amigos e



volto uma pessoa melhor.”

Como recreação, os jovens participam de jogos relacionados com o evangelho e outros eventos esportivos. À noite familiar e as reuniões de domingo criam um espírito que une o grupo. Alguns dizem que a reunião de testemunho realizada no final da conferência é a melhor parte da atividade. “Há alguns jovens que prestam testemunho



aqui pela primeira vez na vida”, disse Iclea. “Alguns amigos não-membros também prestam testemunho”, disse ela.



Por intermédio das atividades da igreja, os jovens do Rio de Janeiro edificam e fortalecem testemunhos que os ajudam a resistir às pressões que sofrem por parte das famílias e amigos não-membros. "É mais fácil para mim fazer o que devo, quando meu



testemunho fica mais forte", disse Sérgio Barbosa.

É por causa de seu forte testemunho do evangelho que os jovens trabalham juntos para tentar atingir a meta de tornarem-se melhores membros da igreja — moças e rapazes com um testemunho tão forte e intenso como o sol do meio-dia nesse Rio de Janeiro quente e tropical. □



UM CÍRCULO DE LUZ

Marilyn Brown

Depois que o sacramento foi distribuído, meu irmão Robert pegou lápis e papel e começou a desenhar. Eu estava preocupada com ele, pois era um sacerdote de dezesseis anos e deveria, àquela altura, já ter superado esse tipo de coisa. Olhei para o rosto de minha mãe. Ela parecia tranqüila, como sempre, pois ignorava o comportamento dele na igreja. "Prefiro que ele vá a igreja e desenhe a que fique em casa", dissera-me ela, certa vez. "Algum dia alguma coisa mudará."

Ela e eu sabíamos que Robert preferiria estar nas montanhas naquela manhã, acordando em um frio saco de dormir. Se nós o tivéssemos deixado em casa, ele teria ido fazer uma longa caminhada com Juno, seu cão inseparável. "Aprendo muito mais nas montanhas do que jamais aprendi em uma reunião sem graça", gritara ele certa vez para meu pai.

"No entanto, nós somos uma família que vai à igreja", meu pai dissera delicadamente. "Você fará parte da família enquanto viver aqui, e irá conosco para a igreja."

Olhei para as mãos de Robert. Eram mãos ásperas e jovens, acostumadas a cortar e desbastar madeira, a fazer nós, a cavar buracos para barracas. As unhas eram muito curtas e sujas. Ele parecia fazer parte das montanhas, não da igreja.

Às vezes eu pensava que conseguia entendê-lo. Ele queria adorar lá nas montanhas, onde dizia que Deus realmente estava. Nunca lera o Livro de Mórmon; fazia brincadeiras na aula da Escola Dominical. E eu acho que nunca ouvia nada do que era dito na reunião sacramental.

Robert continuou a desenhar, e eu a observá-lo. Tentei concentrar-me na mulher que estava discursando. Ela falava sobre o filho que acabara de voltar da missão.

"A maioria de vocês conheceu Brian antes que

ele partisse para a missão", estava ela dizendo. "Vocês lembram que ele queria ser um indivíduo. Ele preferia passear com seu cão nas montanhas a ir à igreja."

Acomodei-me no banco e abri os olhos. Desejei que Robert estivesse ouvindo, ao invés de fazer desenhos tolos.

"Às vezes ele desaparecia por alguns dias — saía com seu cão para as montanhas", continuou ela. "Nós ficávamos em casa e simplesmente orávamos para que Deus o protegesse, onde quer que estivesse."

Pensei naquele momento que talvez Robert não devesse ouvir, porque poderia ter algumas idéias. Mas notei que sua mão parara. Ele estava ouvindo! Agora tudo o que eu podia fazer era orar, para que ele não ouvisse a mensagem errada no discurso da mãe, e saísse com o cão por vários dias.

"Brian sempre quis adorar à sua própria maneira", disse sua mãe.

Olhei para Robert. Sem dúvida ele estava ouvindo, e eu não tinha certeza se isso era bom. A mãe continuou dizendo que o filho mudara. Ele cumprira uma missão. Isso fora um milagre. Robert achou que havia ouvido todo o resto daquela história antes, e voltou aos seus desenhos. E então chegou a hora do ex-missionário falar.

"Eu não queria ser como todas as outras pessoas e ir para a missão", disse ele. "Eu era diferente, e sabia que estava bem sem a igreja. Achava que era feliz não indo às reuniões, mas andando nas montanhas por vários dias. Às vezes meus pais não sabiam onde eu estava. Sei que lhes causei muita preocupação."

Robert não estava ouvindo o missionário.

"Mas chegou o momento em que meus amigos começaram a ir para a missão, e eu tinha de tomar uma decisão", continuou o missionário. "Foi uma

das épocas mais difíceis da minha vida. Eu nunca havia nem sequer lido o Livro de Mórmon.

Um de meus amigos que estava saindo para a missão, disse-me:

— É claro que as pessoas esperam que você vá para a missão, mas ninguém vai forçá-lo a isso. Simplesmente mantenha sua mente aberta. Leia o Livro de Mórmon. Se você não quiser ir depois disso, pelo menos terá tentado."

"Bem, todos vocês sabem como terminou."

Os membros da ala riram. Até mesmo Robert sorriu.

"Mas quero contar-lhes como aconteceu", disse o missionário. "Eu concordei com ele e disse que passaria uns dias no deserto com meu cão e leria o Livro de Mórmon. Meu amigo levou-me, juntamente com meu cão, até o deserto, a 100 quilômetros de qualquer estrada. Ele nos deixou lá, sem nada, a não ser um pouco de comida e nosso equipamento de sobrevivência. Disse-lhe que nos pegasse no mesmo local em aproximadamente duas semanas."

Achei que Robert teria adorado passar duas semanas assim no deserto, exatamente na época de provas na escola, embora não pudesse imaginá-lo levando o Livro de Mórmon.

"Terminei o livro em dois dias, e senti que era verdadeiro. Sabia que queria cumprir uma missão. Sabia que queria dizer ao mundo que Deus continuava a se preocupar conosco e que ele providenciara esse livro para nossa orientação. Estava pronto agora. Mas lá estava eu, a 100 quilômetros da civilização, e meu amigo só iria buscar-me dentro de mais doze dias.

Bem, sentei-me numa pedra e pensei no que deveria fazer. Não havia realmente nenhum propósito em ficar lá por mais tempo. Então, decidi que tentaria andar. Sabia que direção deveria seguir e a distância a que estava da estrada. Embora ao

relembrar essa ocasião, eu perceba como essa decisão foi tola, pensei que podia alcançar a estrada em alguns dias, se deixasse a maior parte da minha comida e de meu equipamento para pegar mais tarde com um caminhão. Assim, pela manhã, comecei a andar.

Deixei o acampamento com minha jaqueta e apenas algumas maçãs no bolso, minha faca e alguns fósforos. Comecei com uma boa velocidade, fazendo quase trinta quilômetros até o meio da tarde. Mas depois começou a chover.

Não era uma chuva comum. Era torrencial. A água caía como se houvesse grossos lençóis escuros à minha volta, de modo que eu não conseguia nem mesmo ver as marcas no caminho para saber onde estava indo. Meu cão e eu ficamos ensopados em poucos segundos, e à medida que a tarde passava, começamos a tremer de frio. Eu me encolhia em meu casaco, dominado por um sentimento terrível. O que iria fazer?

Eu havia ouvido o suficiente a respeito de hipotermia, quando o corpo fica frio demais, para saber que precisava sair da chuva. Era fevereiro, e com a noite se aproximando, a chuva logo se transformaria em gelo. Precisava secar-me, mas estava longe demais do meu equipamento para voltar. Por sorte, naquele momento, achei um abrigo na fenda de algumas rochas. Rastejei para dentro do abrigo, e havia apenas espaço suficiente para mim. Meu cão molhado e tremendo de frio, ficou de fora, abanando o rabo. Eu queria esperar que a tempestade passasse e fiquei lá durante o que me pareceu horas. Era evidente que não podíamos permanecer ali com aquela chuva. Eu precisava movimentar-me e manter o sangue circulando, mas lá fora, no deserto frio, a chuva forte ainda estava caindo. O que podia fazer?

Acho que foi a primeira vez na vida que eu realmente falei com Deus. Conversei com ele como



nunca o fizera antes. Disse-lhe que meu cão e eu estávamos correndo perigo, se não pudéssemos nos secar antes que a água se transformasse em gelo, e se a tempestade durasse vários dias, não poderíamos encontrar comida nem fazer fogo.

Disse ao Pai Celestial que agora sabia que o Livro de Mórmon era verdadeiro, e que eu iria para a missão a fim de dizer às outras pessoas que o lessem, para que tivessem a mesma confirmação.

Por um momento, parei de implorar e apurei o ouvido. Creio que achei que ele faria a chuva parar, mas a chuva continuou a cair a cântaros.

Nunca orei como naqueles momentos. De repente, comecei a pensar que o Senhor faria a parte dele, se eu simplesmente saísse de lá e andasse. Talvez ele me desse força para suportar o frio, mas eu simplesmente tinha de sair de lá e começar a andar.

No momento em que deixei aquelas rochas, tive um sentimento de paz. Meu cão e eu andamos mais ou menos cem metros na chuva forte. Andei para longe das rochas e em direção a um terreno plano e aberto. Meus sapatos, minhas roupas, meus fósforos — tudo estava completamente ensofado, e a chuva ainda caía a cântaros sobre mim.

Mas, à medida que eu continuava, orando em meu coração para ter forças, orando para ter determinação, uma luz repentina e suave desceu sobre mim. Olhei à minha volta. Não havia chuva!

Parei e olhei para as montanhas azuis. A chuva havia parado apenas na área por onde eu estava andando. Fora do grande círculo que havia ao meu redor, a chuva escura ainda caía, como um véu cinzento. Eu não conseguia acreditar. A luz descia suave à minha volta. Senti-me mais quente, mais seco, e consegui sair do deserto."

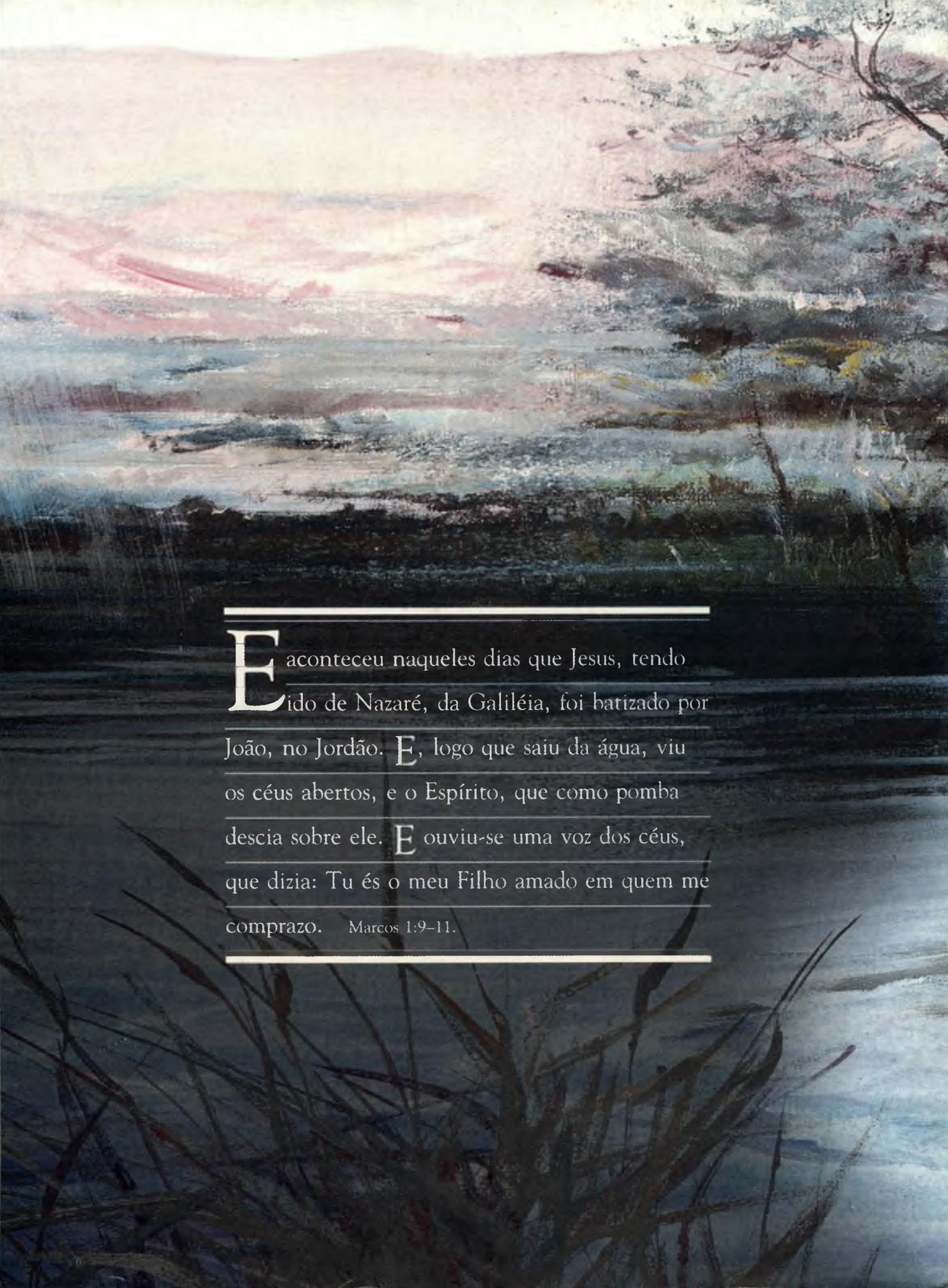
A capela ficou em silêncio. Eu sentia como se não estivesse na igreja, mas com o missionário naquelas montanhas azuis, na chuva. E Robert também.

Eu podia ouvir minha própria respiração, e podia sentir meu próprio coração bater. O pedaço de papel com o desenho caiu no chão. Robert aproximou-se mais de minha mãe, e ela pôs os braços em volta dele. Parecia que, sentados lá na reunião sacramental, estávamos em nosso próprio círculo de luz. □

Uma luz suave e

confortante desceu sobre mim, e senti-me aquecido e seco, embora estivesse encharcado pela chuva, que agora me circundava como um véu cinzento.





E aconteceu naqueles dias que Jesus, tendo vindo de Nazaré, da Galiléia, foi batizado por João, no Jordão. **E**, logo que saiu da água, viu os céus abertos, e o Espírito, que como pomba descia sobre ele. **E** ouviu-se uma voz dos céus, que dizia: Tu és o meu Filho amado em quem me comprazo. Marcos 1:9-11.